

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
HABILITAÇÃO RELAÇÕES PÚBLICAS

Yuri V. Rocha

**A Sociedade em Rede, a Esfera Pública e as Manifestações de Junho de 2013 no
Brasil**

Porto Alegre

2014

Yuri V. Rocha

A Sociedade em Rede, a Esfera Pública e as Manifestações de Junho de 2013 no Brasil

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação Relações Públicas.

Orientador: Prof^o. Dr^oRudimar Baldissera

Porto Alegre

2014

Yuri V. Rocha

A Sociedade em Rede, a Esfera Pública e as Manifestações de Junho de 2013 no Brasil

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação Relações Públicas.

Aprovado em ____ de _____ de 2014.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Maria Berenice da Costa – UFRGS

Prof^a. Dr^a. Helenice Carvalho – UFRGS

Orientador – Prof. Dr. Rudimar Baldissera – UFRGS

AGRADECIMENTOS

À minha mãe e à minha irmã, fundamentais na minha trajetória e, sobretudo, no atribulado período em que esse trabalho foi produzido. Nada como suas palavras de incentivo e jantares preparados com todo amor. Não teria chegado até aqui sem vocês ao meu lado.

Ao professor Rudimar, pelo apoio irrestrito e, principalmente, pelos ensinamentos transmitidos ao longo do curso. O seu acompanhamento foi de extrema importância para que este trabalho se tornasse um fato.

À minha doce avó, Nelci, que me esperou sempre que necessário com um almoço delicioso, repleta de amor e palavras de incentivo.

Aos amigos que fiz durante minha passagem pela FABICO, Daiana e Fábio. Tenho certeza de que nossa história de companheirismo, apoio e amizade não terminará com o encerramento desse tempo. Mas se renovará e se fortalecerá, o que me deixa muito seguro para seguir em frente. Seus abraços e carinho estarão sempre comigo.

À Pri e ao Léo que não apenas me incentivaram, mas me auxiliaram, ajudando a organizar meus pensamentos, me mostrando caminhos alternativos para esse estudo e revisando meus pequenos deslizes gramaticais.

À todos os amigos que, mesmo sem saber, foram fundamentais para a produção desse trabalho. Estiveram ao meu lado me lembrando do quão fundamentais os relacionamentos são para manter nossas vidas repletas de alegria.

Aos amigos e pessoas queridas que estão longe, mas nunca, de fato, estarão apartados do meu coração.

*“O degrau da escada não foi inventado para
repousar, mas apenas para sustentar o pé o tempo necessário
para que o homem coloque o outro pé um pouco mais alto.”*

(Aldoux Huxley)

RESUMO

O presente trabalho tem como tema a repercussão das Manifestações de Junho de 2013 nas redes sociais na Internet e nos meios de comunicação de massa, abordando para a reflexão sobre o tema, o contexto da sociedade contemporânea, a ascensão das redes sociais na Internet, bem como a medida com que esse fenômeno implica em transformações na esfera pública. A pesquisa foi construída a partir dos seguintes questionamentos: Qual o papel dos veículos de comunicação de massa e das redes sociais na Internet nas Manifestações de Junho de 2013, no Brasil? Para dar conta dessa problemática, tem por objetivo refletir sobre o papel dos veículos de comunicação de massa e das redes sociais na Internet nas Manifestações de Junho de 2013. A fundamentação teórica busca entender o contexto social da contemporaneidade a partir, especialmente, de Manuel Castells e impacto que esse espaço de disseminação de informações provoca naquilo que se entende como esfera pública, tendo por base Wilson Gomes. A análise documental e de conteúdo foram os recursos metodológicos empregados para estudar as repercussões das manifestações nas redes sociais virtuais e na Folha de São Paulo, respectivamente. O cruzamento de dados permitiu identificar, ainda, o impacto dessas redes para a eclosão e formato das Manifestações e as implicações para o surgimento de uma esfera pública própria dos tempos atuais.

Palavras-chave: Comunicação; Comunicação Digital; Cibercultura; Mídia; Redes Sociais na Internet; Manifestações de Junho de 2013

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Imagens dos Protestos.....	43
Figura 2 - Congresso Nacional Coberto de Manifestantes.....	46
Figura 3 - Relatório Monitoramento Scup.....	49
Figura 4 - Manifestantes em Protesto contra o aumento da tarifa.....	58
Figura 5 - Militantes interditam Paulista.....	60
Figura 6 - Polícia agride casal que tomava cerveja em bar na Paulista.....	61
Figura 7 - Manifestantes carregam cartazes com variadas reivindicações.....	65
Figura 8 - Fachada do Theatro Municipal de São Paulo pichada.....	65
Figura 9 - Fotos demonstram violência dos protestos.....	66
Figura 10 - Fotos que ilustram a Folha de São Paulo entre os dias 7 e 12 de junho de 2013.....	68

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1 – Repercussão das Manifestações na Folha de São Paulo.....	56
Quadro 1 – Dados Scup.....	51
Quadro 2 – Dados Tiago e Pimentel.....	52
Quadro 3 - Repercussão das Manifestações na Folha de São Paulo.....	56

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	14
2.1 A Sociedade.....	14
2.2 Sociedade Fluída.....	16
2.3 Sociedade em Rede.....	18
3. A COMUNICAÇÃO NA SOCIEDADE EM REDE.....	14
3.1 Redes Sociais na Internet.....	25
3.2 Redes Sociais na Internet e os Veículos de Comunicação de Massa.....	31
3.3 A Esfera Pública e a Internet.....	35
4. REPERCUSSÕES DAS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013.....	41
4.1 As Manifestações de Junho de 2013.....	41
4.2 Procedimentos Metodológicos.....	48
4.3 As Referências às Manifestações de Junho de 2013 nas Redes Sociais.....	51
4.4 As Manifestações de Junho de 2013 no Jornal Folha de São Paulo.....	54
4.4.1 Pré-análise.....	54
4.4.2 Codificação.....	55
4.4.3 Inferências.....	57
4.5 Manifestações de Junho de 2013: Redes Sociais na Internet V.S. Folha de São Paulo	67
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS.....	73
ANEXO A – CORPUS DA PESQUISA.....	76

1 INTRODUÇÃO

Nosso país verde e amarelo desponta em todas as pesquisas internacionais como um importante ator nas estratégias das organizações de Internet. Somos, todos os brasileiros, entusiastas das mídias sociais, segundo estudo da eMarketer (2013), 79% dos brasileiros usuários de internet estão cadastrados em sites de relacionamento virtual, o significa dizer que mais de 78 milhões de pessoas possuem contas em sites como Facebook, Orkut, Twitter, YouTube e Instagram. O mesmo estudo revela que até 2017 a aderência às essas ferramentas alcançarão mais de 89% da população nacional. São os sites mais acessados na Internet e em cujos ambientes passamos a maior parte de nosso tempo de navegação.

Fato é, que diferentemente dos veículos de comunicação tradicionais, movidos pelo interesse das elites econômicas e políticas, a Internet tem forte caráter democratizante. A livre circulação de informações permite a emergência de um pluralismo de ideias e visões de mundo. Toda ideologia tem seu lugar na rede mundial de computadores. Estimulando a participação das pessoas, dando voz aos cidadãos, que podem mobilizar-se por reivindicações, causas ou a favor e contra medidas de governos e organizações. É uma guinada, uma quebra de paradigmas e de fluxos comunicacionais estabelecidos, os padrões de relacionamento e a relação entre cidadania e a informação são transformados, o que passou a refletir-se, de fato, no cotidiano de nossas vidas.

Esse movimento de mudança na forma como a cidadania acessa e se apropria das informações foi visto e sentido a ponto de a presidente da República do Brasil, Dilma Rousseff, ter sentido a necessidade de convocar cadeia de rádio e televisão para dar uma resposta aos mais de um milhão de brasileiros, de todas as classes sociais, que tomaram as ruas de diversas cidades, em todas as regiões do país, e em muitas cidades pelo mundo, em junho de 2013, reivindicando as mais diversas causas que os afligiam como cidadãos brasileiros. Vozes dissonantes, sim. Mas unidas pela insatisfação com suas realidades. É impossível não considerar, pois, fundamental um estudo no sentido de entender o quão relevante a inserção, cada vez maior, das pessoas nas redes sociais na Internet pode ser para a transformação do que se conhece como esfera pública.

Diante desse panorama, a pesquisa apresenta como problemática: qual o papel dos veículos de comunicação de massa (no caso o jornal Folha de São Paulo) e das redes sociais na Internet nas Manifestações de Junho de 2013, no Brasil?

Estabeleceu-se, com base nisso, como o objetivo geral Refletir sobre o papel dos veículos de comunicação de massa (no caso o jornal Folha de São Paulo) e das redes sociais na Internet nas Manifestações de Junho de 2013, no Brasil. Além disso, definiu-se como objetivos específicos: analisar a ascensão das redes sociais na Internet e suas implicações na forma e dimensão assumidas pelas Manifestações de Junho de 2013, no Brasil; comparar a repercussão das manifestações de junho de 2013 nas redes sociais digitais e no jornal Folha de São Paulo; e refletir sobre o papel dos veículos de comunicação de massa na esfera de discussão pública no período das Manifestações de Junho de 2013, no Brasil.

A problemática em questão, apesar de muito ter-se ouvido falar sobre a onda de protestos, emerge com relevância, pois pouco ou quase nada do que chegou ao conhecimento do público, diz respeito ao novo formato que a sociedade assume com a revolução tecno-científica mais recente. Perspectiva que, no entanto, também servirá na construção deste estudo. Soma-se a isso, a curiosidade que o avanço tecnológico e suas consequências para o contexto social causaram neste pesquisador.

Esta pesquisa configura-se como exploratória, de caráter quali-quantitativo. Além de pesquisa bibliográfica, também é realizada pesquisa empírica, empregando análise documental e de conteúdo. O detalhamento da pesquisa empírica, assim como o corpus de análise são apresentados detalhadamente no capítulo 4.

Sobre a organização da pesquisa, após este primeiro capítulo introdutório, no segundo capítulo, tendo em vista os objetivos deste estudo, é apresentado um panorama teórico da sociedade, desde sua conceituação original, até as acepções mais recentes, por meio dos estudos de Bauman (2007), Castells (2000), Houser (2008), Rüdiger (2011) e Lévy (1999). Autores que serão utilizados para ampliar o entendimento sobre a sociedade contemporânea.

O terceiro capítulo retoma alguns aspectos da origem da Internet, observando como ela é apropriada pelos usuários, em especial, seu uso maciço como ferramenta de relacionamento por meio de redes sociais virtuais. Para tanto, Recuero (2003) Primo

(2009) e Terra (2008) servem de esteio teórico para compreender o funcionamento dessas redes.

O quarto capítulo apresenta os acontecimentos compreendidos pelas Manifestações de Junho de 2013 no Brasil. Em seguida, são apresentados os procedimentos metodológicos empregados na pesquisa empírica e, na sequência realizam-se as análises propriamente ditas. O capítulo inicia-se com uma linha do tempo das manifestações, construído a partir de várias fontes jornalísticas, mas detêm-se nos fatos. Em seguida, são recuperados dados consolidados por meio de ferramenta de monitoramento de redes sociais virtuais e é executada leitura flutuante do jornal Folha de São Paulo, identificando aquelas que abordaram o tema, entre os dias 6 e 21 de junho, por meio de análise documental. Em seguida, estabelecido o recorte se empreende análise dos conteúdos apresentados pelo jornal. Encerrando a seção, é feito cruzamento entre os dados de ambas as análises.

Como último capítulo, apresentam-se as considerações finais.

2 A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Neste capítulo é executada recuperação teórica sobre a sociedade, desde sua conceituação original, até as acepções mais recentes, por meio dos estudos de Bauman (2007), Castells (2000), Hauser (2003), Rüdiger e Lévy (1999), a fim de refletir a respeito da medida em que as transformações da sociedade são condicionadas pelo avanço tecnológico, especialmente, em se tratando da importância da base material em processos de transformação social.

2.1 A Sociedade

Quando uma pesquisa é iniciada, dificilmente o pesquisador tem em mente todas as implicações teóricas que serão perpassadas no trajeto desde o surgimento dos questionamentos, até o momento em que o estudo é concebido. É notória, ao mesmo tempo, a importância de trazer à luz da ciência alguns conceitos-chave, afastando acepções que dizem respeito mais ao senso comum do que, de fato, ao campo científico.

Dessa forma, elucidar o conceito de sociedade pareceu ser o passo inicial, pois como diz Scott (2012, p. 3643): “há pouca concordância sobre o que é sociedade, especialmente na era contemporânea”.

Fato é que, em períodos anteriores, uma ou duas correntes teóricas poderiam facilmente dar explicações, ora antagônicas, ora equivalentes sobre o conceito em questão. Hoje, apesar de os sociólogos concordarem sobre existência de algo para além dos sujeitos, há grandes debates em curso que tentam explicar essa estrutura.

Segundo Scott (Ibid., p.3653), desde que Émile Durkheim apresentou seus argumentos sobre a existência de uma esfera de fatos sociais e a submissão dos homens, mulheres e famílias à ela, realidade *sui generis* que é o objeto de estudo da ciência sociológica, muito da realidade mudou.

Talcott Parsons, ainda de acordo com Scott (Ibid., 3654), estabeleceu um modelo para a sociedade moderna, no início da década de 1920, do século XX, ele a explicou como um corpo social autossuficiente em relação ao meio ambiente, cujo formato incluiria outros sistemas sociais, como a família, numa relação direta com o sistema de Estado-Nação vigente à época. Scott (Ibid., p. 3655) ainda explica, que o

coração do modelo de sociedade de Parsons era o Estado Nacional Moderno, é ele o centro da sociedade, responsável pela regulação da vida de cada pessoa por meio de sua economia, cultura, política, classes etc.

É importante ainda destacar como esse entendimento de sociedade trata a questão da constituição das identidades. Conforme Scott (2012, p. 3655) esclarece, para Parsons a identidade é constituída em relação ao Estado-Nação, afinal, ele não configura-se apenas materialmente, mas também culturalmente, impondo-se também por meio de uma identidade compartilhada e comum a todos dentro de seu território.

Johnson (1997, p.7551) apresenta o conceito de sociedade de forma bastante similar, o relaciona às características culturais, estruturais e demográficas de um espaço geográfico, o Estado-Nação. O autor diz que as identidades constituem-se engendradas no sistema social particular de cada nação, sendo “a sociedade o maior sistema com o qual indivíduos se identificam como membros”. Japoneses não poderiam, portanto, ainda de acordo com Johnson (Ibid., p.7552), identificar a si mesmos com nenhuma estrutura social que não a da sociedade japonesa. Uma vez que, toda a cultura que os envolve, o estilo de vida que se perpetuou ao longo do tempo, a forma de se relacionar com outros cidadãos e com os sistemas sociais são dotados de características comuns àqueles que habitam o espaço geográfico correspondente ao Japão.

O entendimento de sociedade intrincado com o Estado-nação, visto até aqui, foi durante muito tempo preponderante nos estudos do campo da sociologia e da comunicação social. Contudo, uma série de acontecimentos reavivou discussões e trouxe consigo uma instabilidade renovadora do ponto de vista teórico a respeito da conceituação da sociedade. É, por isso, hoje, uma questão efervescente entre os estudiosos da Sociologia. Muitos desses teóricos, segundo Elliot e Turner (2012), explicam o ressurgimento do debate pelo advento da globalização política, cultural e econômica. Esse processo tem feito surgir as mais variadas interpretações e concepções teóricas de “sociedade”, flexibilizando a forma como os estudiosos se apropriam do termo.

Ainda de acordo com Elliot e Turner (2012), muitos autores e políticos conservadores, contemporaneamente, atacam frontalmente o conceito de sociedade, definindo sua existência como um zumbi, “morto, mas ainda vivo”, fruto de uma desordem coletiva, erigida a partir de dissensos culturais e da capitulação moral da vida coletiva. Por essas razões, apontam esses conservadores, seu emprego científico não teria mais sentido. Em contraponto a esse ponto de vista, Elliot e Turner (Ibid, p. 39)

afirmam existir entendimentos menos fatalistas que reconhecem a problemática, mas apesar disso, insistem sobre a relevância do termo e o entendem como “um espaço no qual ocorrem múltiplas relações de forças políticas e econômicas, cujo produto são múltiplas formas de dominação e exploração humana”. É desde essa perspectiva que Zygmunt Bauman (2007) constrói suas teses a respeito do momento em que vivemos e a que será a temática da próxima seção desta pesquisa.

2.2 Sociedade Fluída

Fazer emergir as teses defendidas por Bauman, em sua obra “Tempos Líquidos” (2007) é uma tarefa, que deve ser empreendida considerando a insegurança como a chave para decifrar o seu entendimento sobre a sociedade. O sociólogo polonês defende que a transição da sociedade de produção para a sociedade do consumo, ou a passagem da sociedade industrial para a pós-industrial, causou uma série de tensionamentos transformadores para o ambiente no qual os sujeitos estão inseridos.

Em primeiro lugar, Bauman (2007) identifica o derretimento das instituições sociais que, até o período histórico anterior, balizavam as escolhas, os comportamentos, rotinas e relacionamentos. A família, as igrejas, escolas, sindicatos e todos esses agrupamentos humanos asseguravam, segundo o autor, a reprodução de padrões de comportamento. Com as mudanças, elas deixam de “servir como arcabouços de referência para as ações, assim como para as estratégias existenciais a longo prazo, em razão de sua expectativa de vida curta” (Ibid., 2007, p. 23-24).

A postulação de Bauman (Ibid. p.28), sobretudo, implica no desaparecimento da segurança de um “projeto de vida”, lançando os sujeitos na instabilidade de uma vida fragmentada em episódios. Ao mesmo tempo, com a queda dos sistemas de referência social, esses sujeitos passam a criar suas identidades do zero, com base em uma perspectiva de mundo subjetivada pelo inconsciente individual, tornando as trajetórias de vida repletas de uma série de construções reinventadas ao longo do tempo.

Configura-se, portanto, ainda de acordo com Bauman (2007), uma grande diferença entre o indivíduo da Era Industrial, tão bem retratado por Chaplin em seu filme *Tempos Modernos*¹, um mero reproduzidor de comportamentos, como que parte de

¹ *Tempos Modernos* é um filme de 1936 que conta a história de um operário de uma linha de montagem, que testou uma "máquina revolucionária" para evitar a hora do almoço e que é levado à loucura pela

um sistema de polias e engrenagens, em relação a esse “novo homem” imerso na liquidez das individualidades.

Outro ponto que relevante do entendimento de Bauman (2007), trata dos processos globalizantes e suas consequências para a relação entre o indivíduo e o Estado. Dada sua hiperconexão com o sistema global, segundo o autor, o Estado-nação perde sua capacidade de agir efetivamente, uma vez que a política é só deliberada em âmbito nacional, influenciando diretamente apenas em questões locais, enquanto sua capacidade do Estado de incidir sobre a política planetária é limitada a fóruns de efetividade questionável se considerado, pragmaticamente, o contexto recente. Dessa forma, em função de economias e estruturas sociais interligadas e, mais do que isso, interdependentes, diminui a capacidade do Estado de responder aos anseios de seus cidadãos, o que acaba rompendo com uma relação que parecia inerente à Democracia, ou como diz Bauman:

A falta de poder torna as instituições políticas existentes, assim como suas iniciativas e empreendimentos tornam-se cada vez menos relevantes para os problemas existenciais dos cidadãos e, por essa razão, atraem cada vez menos a atenção destes (BAUMAN, 2007, p. 57).

Esse enfraquecimento na relação entre os indivíduos e o Estado encorajaria, ainda no entendimento do autor, um abandono de responsabilidades de amparo social pelas nações, que as transfeririam a terceiros, como empresas ou organizações não-governamentais. Tomando de seus cidadãos mais um lastro de estabilidade, lançando-os numa busca individual pelo sucesso, ou seja, toda a trajetória de vida deve ser construída sob responsabilidade dos indivíduos. Tal raciocínio, faz lembrar da citação da ex-primeira-ministra² Margaret Thatcher, incluída na obra de Scott (1996, p. 26): "não existe essa coisa de sociedade, há apenas indivíduos, homens e mulheres, e suas famílias".

O ponto de vista da Dama de Ferro³ parece ecoar o que Bauman (2007) define como o enfraquecimento desses laços inter-humanos, sob a tutela do Estado. Seu

"monotonia frenética" do seu trabalho. Dirigido e estrelado por Charles Chaplin, que também assinou o roteiro original do filme.

² Margaret Thatcher foi uma política inglesa, membro do Partido Conservador, foi primeira-ministra do Reino Unido de 1979 a 1990.

³ Devido ao fato de Thatcher ter sobrevivido a uma tentativa de assassinato em 1984, de sua dura oposição aos sindicatos e de sua forte crítica à União Soviética, foi apelidada de "Dama de Ferro".

enfraquecimento instrumentalizou a lógica dos mercados, que se atrelou com força na forma como as pessoas se relacionam entre si, afastando-as uma das outras, ao invés de uni-las. O autor conclui, diante disso, que é a partir desse momento que a sociedade deixa de ser vista e tratada como uma estrutura, uma totalidade sólida, e passa a ser compreendida como uma rede: "uma matriz de conexões e desconexões aleatórias e de um volume infinito de permutações possíveis" (BAUMAN, 2007, p. 36).

Com base nisso, o próximo segmento desta pesquisa ampliará o entendimento de sociedade em rede.

2.3 Sociedade em Rede

Diante da percepção de Bauman (2007) sobre a conversão da sociedade num emaranhado amorfo, hiperconectado e cambiante, nota-se como suas teorias conversam com as do sociólogo espanhol Manuel Castells (2000), na perspectiva da jornada científica proposta neste estudo.

Segundo Castells (Ibid.), a sociedade contemporânea caminha por um período turbulento, transformador, no qual novas práticas sociais se introduzem em consequência da crescente apropriação da informação. O autor evidencia que, a partir dos anos 1960, fenômenos de ordem econômica, política e cultural se catalisaram, ao incorporarem lógicas próprias da revolução tecnológica da informação, cujos fundamentos se consolidariam como a base material desse novo período.

Isto é, a interação entre a massificação das Tecnologias de Informação e Comunicação, a crise tanto do modelo capitalista industrial quanto a derrocada das economias planificadas e os processos e reações que esses declínios desencadearam, fizeram surgir uma nova estrutura social, a sociedade em rede. Sociedade essa, cuja dimensão passa a ser global com processos interconectados, livre de fronteiras geográficas e, sobretudo, seu funcionamento é de uma lógica totalmente nova, a lógica das redes, sem paralelo em outros tempos históricos (CASTELLS, 2000).

Numa análise inicial, segundo Rüdiger (2011, p.136), Castells afasta o determinismo material como explicação para o surgimento dessa nova sociedade. Ainda que, num segundo momento, com base na revisão do autor espanhol, Rüdiger (Ibid.,

136) considere difícil dissociar a revolução tecnológica da informação da série de desdobramentos que Castells, de acordo com Rüdiger (2011) elenca.

Ainda conforme Rüdiger (Ibid.), é possível identificar, sim, a relevância da técnica em grandes transformações socioeconômicas, desde o estabelecimento das primeiras comunidades humanas. É o que defende Hauser (2003), segundo o qual o surgimento da civilização coincide, para não dizer que surge com o desenvolvimento das primeiras técnicas de cultivo da terra.

Buscando entender como a técnica se relaciona com a transformações na sociedade, é válido fazer uma breve retomada histórica.

Há 2000 anos antes de Cristo, na região do Crescente Fértil, no Egito, pouco a pouco, pequenos grupamentos humanos reuniram-se em cavernas, situadas nas partes mais altas das colinas daquela região. Eles passaram a domesticar os animais que caminhavam livremente por ali, primeiro as cabras, cabritos e cachorros selvagens. Em seguida, deixaram de coletar cereais e frutas silvestres e a substituíram por espécies mais produtivas para o cultivo naquele solo. A descoberta de técnicas de irrigação exigiu modificações no modo como os ancestrais dos faraós viviam. Acampamentos mais permanentes foram sendo levantados para os trabalhadores, e famílias, encarregados da construção de diques necessários para irrigação das terras agrícolas. Casas foram erguidas e seu formato indica, a inédita formação de núcleos familiares estáticos (CARDOSO, 1982).

Milhares de anos depois, já na aurora do Renascimento Europeu, de acordo com Rüdiger (2011, p. 85) "a experimentação proposta pelo Humanismo levaria toda a civilização adiante, rompendo com paradigmas e permitindo uma grande renovação na forma de execução dos trabalhos". Ainda de acordo com Rüdiger (Ibid.), Francis Bacon, fundador do pensamento moderno junto com Descartes, dizia que a partir daquela época o homem se libertaria da superstição, dos preconceitos e ilusões, tudo que impedira o progresso e alcançaria "o desdobramento técnico" da verdade científica das coisas. A fundação dos métodos científicos instigou o espírito investigativo dos cientistas e filósofos e catapultou a busca pelo conhecimento, levando ao surgimento de técnicas que permitiram o projeto ultramarino das potências comerciais europeias, trazendo a civilização ocidental ao "além-mar", às Américas, e, dois séculos mais tarde, daria bases para que a grande Revolução Industrial acontecesse (RÜDIGER, 2011).

O raiar da “Era das Invenções”, para Hauser (2003, p. 123), foi possível graças ao acúmulo de conhecimentos ocorrido naquele período mercantil. Dessa bagagem nasceram as ideias que permitiram a invenção de máquinas têxteis, muito mais produtivas do que o trabalho artesanal praticado até então. No começo a energia que as movia era gerada em moinhos à base d’água, em seguida surgiram as primeiras máquinas a vapor. O movimento desses motores, espalhou estradas de ferro pelos quatro cantos do planeta, facilitando o transporte dos produtos manufaturados, tomando-os mais baratos, mais acessíveis. A penicilina, o saneamento e as oportunidades de trabalho na indústria provocaram a rápida urbanização dos países mais avançados (HAUSER, 2003).

Já no final do século XIX, segundo Rüdiger (2011, p. 87), a descoberta da capacidade de geração elétrica de energia, multiplicou muitas vezes a velocidade e o volume com que as informações circulavam. A energia elétrica foi adotada para movimentar máquinas, iluminar ruas, residências e impulsionar bondes. Os primeiros automóveis saíram das fábricas, os navios receberam motores mais rápidos, capazes de cruzar os oceanos em segurança e com rapidez, as distâncias se encurtaram e as pessoas se aproximaram. O telefone (1876), o rádio (1898), o telégrafo sem fio (1895) e o primeiro cinematógrafo (1894) ampliaram os horizontes, dando novas feições à comunicação (Ibid., 2011).

Avançando, nessa retomada histórica, até o final do século XX, observa-se momento crucial para o surgimento da sociedade em rede de Castells (2000). É quando desenrola-se um novo ciclo de descobertas tecnológicas, chega-se ao ponto histórico no qual surge o conceito de cibernética. Norbert Wiener cria o termo, como indica Rüdiger (2011, p. 108), para explicar a relação entre as máquinas e os homens, particularmente, a comunicação que ambos estabelecem entre si. Wiener, ainda conforme Rüdiger (Ibid.) acreditava que os seres vivos e as máquinas possuíam algumas funções semelhantes, por isso, poderiam se enquadrar nos mesmos modelos e leis matemáticas. Tal conclusão partiu da observação do funcionamento do sistema nervoso central do ser humano, que desencadeia um processo muito semelhante ao utilizado para o controle de máquinas. Essa observação e ideias filosóficas que remontam a Descartes, de acordo com Rüdiger (Ibid.), permitiu que Wiener concluísse que o homem é, nada além, do que uma máquina complexa. Pressupôs, então, o surgimento de um organismo homem-máquina,

que predominaria sobre o mundo, fazendo surgir um novo ambiente virtual e automatizado.

Para além de qualquer exagero, para Rüdiger (2011), a contribuição dos estudos de Wiener para o entendimento da relação da técnica com as transformações na sociedade, é sua percepção sobre a fusão homem-máquina, o autor defende que a sociedade deveria ser analisada como um emaranhado de circuitos e canais, além disso, ele considera que a comunicação possui um papel central no relacionamento desse homem cibernético com o mundo: "para Wiener a comunicação constitui a base de todos os fenômenos, sejam naturais ou artificiais" (RUDIGER, 2011, p. 111).

Marshall McLuhan avança nesse sentido, segundo Rüdiger (Ibid), o autor estuda atentamente o papel das tecnologias digitais como extensão do homem e as consequências disso para a construção de um novo e melhor universo social. Ele aponta como alternativa para a falência do Ocidente Moderno, a conexão de máquinas telemáticas para fazer surgir um ambiente de coesão e diálogo. Ou, nas palavras de McLuhan:

Os computadores ligados em redes, ao contrário, poderiam criar um estado de entendimento e unidades universais, tecnologicamente engendrado, um estado de absorção na palavra que se conseguiria juntar a humanidade em uma só família e promover um tempo em que perpetuariam a harmonia e a paz coletivas (apud. RÜDIGER, 2011, p. 253)

Como numa previsão do que viria com a evolução tecnológica, McLuhan previu - como concordam diversos autores - a Internet. É ela que dá o impulso decisivo, naquilo que Castells (2000, p. 2) chama de paradigma informacional, conceito que será elucidado em seguida. Antes disso, no entanto, é importante avançar até o estabelecimento da Internet como uma tecnologia que permite que esta pesquisa se refira a ela como essencial para a compreensão da sociedade contemporânea.

Desenvolvida por demandas militares e adotada, em seguida, para comunicação entre instituições de pesquisa norte-americanas, a Rede Mundial de Computadores se expandiu lentamente até os anos 1990. Mas com o rápido desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação, durante a década 90 do século XX, ocorreu uma grande expansão. A Internet espalhou-se por todo o planeta rapidamente, causando profundas transformações na sociedade, da mesma forma que a energia elétrica no

passado. Através da Internet, segundo Lévy (1999, p. 45), “se procedeu uma fusão das telecomunicações, da informática, da imprensa, da edição, da televisão, do cinema e dos jogos eletrônicos em uma indústria unificada da multimídia”. O mundo caminha desde então, para consolidação da ideia de “aldeia global” de McLuhan, em um processo de globalização sem precedentes. Ela “derrubou” as fronteiras nacionais, ampliou o comércio, permitindo que as empresas estabelecessem contato direto com os consumidores finais, permitiu intercâmbio de conhecimento como nunca antes foi possível. Variadas possibilidades políticas e culturais materializaram-se diante dos olhos, através das telas dos computadores (LÉVY, 1999).

É neste ponto que a retomada histórica executada neste capítulo pode ser entendida. Como qualquer transformação social, o surgimento da sociedade em rede é, pois, função do contexto e seu condicionador. Ou seja, a revolução tecnológica representada pela ascensão da Internet não determina a sociedade: incorpora-a. E a sociedade, surgida daí, também, não determina a inovação tecnológica: utiliza-a" (CASTELLS, 2000, p.43).

Lévy (1999) complementa, ao explicar que a sociedade é condicionada pelas novas tecnologias: "a técnica abre algumas possibilidades que, em algumas opções culturais ou sociais não poderiam ser pensadas a sério sem sua presença". E exemplifica, numa comparação histórica: "a prensa de Gutemberg não determinou a crise da Reforma, nem o desenvolvimento da ciência moderna europeia, tampouco o crescimento dos ideais iluministas e a força crescente da opinião pública no século XVIII - apenas condicionou-as" (LÉVY, 1999, p.25-26).

É, portanto, da intersecção de muitas transformações, condicionadas pelo desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação e da Internet, que surge um novo contexto social, uma "nova sociedade", expressão cujo uso contundente, é justificada por Castells (2000) da seguinte forma:

Surge uma nova sociedade quando e se uma transformação estrutural puder ser observada nas relações de produção, de poder e de experiência. Essas transformações conduzem a uma modificação também substancial das formas sociais de espaço e tempo e ao aparecimento de uma nova cultura (CASTELLS, 2000, p. 413).

Nesse sentido, a primeira das grandes mudanças indicadas por Castells (Ibid.) é a modificação das relações entre capital e trabalho. O autor, assim como Bauman

(2007), enxerga um capitalismo global e interconectado. Ele defende que o capitalismo, e as relações próprias desse sistema socioeconômico, passam a organizarem-se de forma distinta, na sociedade em rede, libertando-se de características da era industrial e aderindo a uma cartilha própria da era informacional. Cresce a concorrência e a complexidade da interação entre capital financeiro e meios de produção. Na verdade o primeiro se descola do segundo e passa a comportar-se, segundo o autor, de modo errático, em fluxos manipulados por uma combinação de manobras estratégicas acionadas por computadores, psicologia das multidões, a partir de fontes multiculturais e turbulências inesperadas, tudo numa escala mundial. A consequência disso para as pessoas decorre com a desestabilização de sua rede de segurança, movimento que é acentuado na medida que os Estados-nação flexibilizam o estado de bem-estar e, além disso, os próprios capitalistas estabelecem nova relação com os indivíduos, quase uma linha direta, à margem de instituições representativas sindicais e o Estado (CASTELLS, 2000).

A ressignificação do papel do Estado é outro ponto apontado por Castells (Ibid.), ele considera que o modelo de Estado-nação e a democracia representativa passam por uma crise sem precedentes, exatamente na mesma linha de raciocínio de seu contemporâneo, Bauman (2007). Castells (Ibid.) credita isso ao enfraquecimento do poder decisório dos países, e sustenta sua argumentação no esvaziamento da capacidade deles de gerirem suas políticas públicas, uma vez que os recursos para custeá-las, estariam à mercê de um intrincado sistema financeiro transnacional. Assim, conforme o Estado perde a capacidade de conduzi-las, abre mão de sua autoridade e perde legitimidade diante da cidadania.

Os processos de poder, por isso, não acontecem mais numa simetria verticalizada, agora, há a multilaterização das instituições do poder que faz surgir uma nova forma de Estado, o Estado em rede. Nas palavras do autor: "a nova estrutura do poder é controlada por uma geometria em rede em que as relações de poder são sempre específicas a determinada configuração de atores e instituições" (CASTELLS, 2000, p. 423).

Outro ponto de inflexão pós-moderna, segundo Castells (Ibid.), é a flexibilização das relações de experiência. Em sua tese, esse paradigma se configura num declínio do patriarcalismo como esteio do núcleo familiar e social. Para ele, com exceção da guarida de regimes totalitários e de matizes fundamentalistas é que ele seguirá sobrevivendo. Por todo o planeta, seja em função de mudanças da organização social do

trabalho, seja por influência dos movimentos sociais, o patriarcalismo caminha para o seu fim. Em seu lugar, surgem redes de indivíduos, assumindo papel cada vez mais relevantes como suportes emocionais e materiais. Há aqui, novo ponto de convergência com Bauman (2007), pois as famílias são naturalmente "provedoras da segurança psicológica e do bem-estar material em um mundo caracterizado pela individualização do trabalho, destruição da sociedade civil e deslegitimação do Estado" (CASTELLS, 2000, p. 426).

Ocorre paralelamente, por essa razão, uma refundação dos sistemas de personalidade, que eram em grande parte moldados pelo núcleo familiar em um contexto social patriarcal. O autor com considera que a sociedade em rede permite que surjam personalidades flexíveis, personalidades inventadas e reinventadas ao longo da vida os indivíduos, cuja maleabilidade permite que o "eu" reconstrua-se o tempo todo, ou nas palavras de Castells (Ibid.):

A mudança mais fundamental das relações de experiência na Era da Informação é sua passagem para um padrão de interação social construído sobretudo pela experiência real da relação. Hoje em dia, as pessoas mais produzem formas de sociabilidade que seguem modelos de comportamento (CASTELLS, 2000, p. 427).

O que o autor, em resumo, traz à tona é um novo modelo de sociedade, a sociedade estruturada e moldada pela lógica dos sistemas, que opera pela Internet, com desdobramentos em todas as áreas da vida humana em todo o globo. Um novo mundo que apropria-se da linguagem das mídias digitais, constituindo, um formato diferente (em rede) de sociedade, cuja base material, as formas de relação de trabalho e comunicação, é a Internet (CASTELLS, 2004).

É claro, portanto, o papel central que a comunicação digital exercerá nesse novo momento, nesse novo mundo, e mais do que isso, talvez ela seja a grande esperança de perpetuar valores caros a todos no Ocidente Moderno, como a democracia, num processo de revitalização do espaço público.

Nesse sentido, a seguir, discorre-se sobre a comunicação telemática, própria da sociedade em rede, e suas implicações considerando os objetivos deste estudo.

3 A COMUNICAÇÃO NA SOCIEDADE EM REDE

Neste segmento, serão estudados os meios apropriados pela sociedade em rede para conectar-se entre si, difundindo informações numa velocidade e dimensão sem parâmetros em outros períodos históricos.

3.1As Redes Sociais na Internet

Diferentemente de muitos dos veículos de comunicação tradicionais, movidos por uma série de interesses que por meio deles se propagam e que muitas vezes estão na contramão dos interesses públicos, a Internet tem forte caráter democratizante. Como diz Bueno:

A livre circulação de informações, desencadeada com a introdução cada vez em maior escala no cotidiano, permite a que surja um novo mundo de ordem comunicacional, um ambiente de pluralismo de ideias e em que múltiplas visões de mundo chegam a um número ainda maior de pessoas (apud MOURA; SCROFERNEKER, 2008, p. 7).

Em função disso, diversas percepções de mundo podem ter voz na rede mundial de computadores, estimulando a participação das pessoas, que utilizam esses espaços para fazer com que seus anseios, desejos e reivindicações sejam conhecidas.

Nesse sentido, dentre todos os espaços virtuais de que as pessoas utilizam na Internet, as mídias sociais, ou Redes Sociais na Internet, despontam como favoritas para a propagação dessas vozes que, até recentemente, perdiam-se no vácuo reservado a elas pelas mídias tradicionais (jornais, revistas, conglomerados de televisão e rádio etc.).

Por isso, é fundamental entender como esses novos canais, as redes sociais virtuais, são apropriadas pelas pessoas desse tempo. As abordagens sobre o uso desses sites que permitem a interação no formato rede, parecem infindáveis. Contudo, neste estudo, o relevante é apontar alguns dos aspectos sobre como essas redes são acionadas e quais os efeitos que sua adoção em larga escala podem causar na estrutura social. Para isso, antes de tudo, é importante compreender as especificidades do formato e de seu uso.

A representação de rede é utilizada em diversos sistemas, cada vez com mais frequência, na pesquisa social. Como aponta Recuero (2009), seja para tratar das interações entre os indivíduos, seja na forma como a sociedade se organiza, como apresentado no capítulo anterior. Essa metáfora, sobretudo, oferece uma perspectiva para o entendimento dos relacionamentos mediados por computador nos sites que são conhecidos popularmente apenas como "redes sociais", por exemplo, Facebook, Orkut, Pinterest, Twitter, etc.

O senso comum poderia encontrar semelhança entre o relacionamento estabelecido entre as pessoas, por meio desses sites com aqueles que surgiam em fóruns e salas de bate-papo on-line. Contudo, na interpretação de especialistas como Primo (2006, p.2) é nítida a diferença. O primeiro momento de apropriação da Internet, a Web 1.0, tem como protagonista o emissor, que por meio de sites de conteúdos determinados por ele, levava informação ou permitia espaços de interação entre os receptores. Sempre com temáticas pré-definidas.

Já hoje, época da Web 2.0, ainda de acordo com Primo (Ibid.), com a melhoria das redes de transmissão de dados e a popularização de componentes telemáticos, há um aumento exponencial da circulação de informações e da interação, cujo principal aspecto a ser destacado é a possibilidade de que os receptores façam uso desse conteúdo e o repercutam com um recorte muito particular. O que os catapulta, dentro do ciberespaço e em relação às suas redes de contatos à posição de emissores tão ou mais importantes quanto os veículos, sites ou portais de notícias que originalmente produziram as informações. Em outras palavras, o que se observa é uma transição de um modelo com ênfase na publicação para um modelo de interatividade, participação (PRIMO, 2006, p. 2-5).

Para Jenkins (2009), a diferença é estabelecida, pois, por um movimento potencialmente emancipador dos usuários dessas novas mídias, ao libertarem-se de pautas estritamente surgidas em redações dos veículos de comunicação para escolherem, não apenas as temáticas que mais os interessa, mas também conferem aos conteúdos muito de pessoal. A cinética resultante disso, resumidamente, permite que cada um produza e modere os conteúdos disponibilizados no ciberespaço.

Muitos empreendedores logo identificaram na ascensão da Web 2.0 uma grande oportunidade de negócio. Rapidamente projetaram e lançaram sites que disponibilizam

ferramentas que dariam conta dessa característica. Inúmeros canais despontaram, ao permitir que todos pudessem produzir, divulgar e debater sobre tudo, como Primo bem ilustra:

[...] blogs com comentários e sistema de assinaturas em vez de homepages estáticas e atomizadas; em vez de álbuns virtuais, prefere-se o Flickr, onde os internautas além de publicar suas imagens e organizá-las através de associações livres podem buscar fotos em todo o sistema; como alternativas aos diretórios, enciclopédias online e jornais online, surgem sistemas de organização de informações (del.icio.us e Technorati, por exemplo), enciclopédias escritas colaborativamente (como a Wikipedia) e sites de web jornalismo participativo como Ohmy News, Wikinews e Slashdot (PRIMO, 2007, p.2).

Ainda que as ferramentas mencionadas por Primo sejam representativas da lógica de rede e da forma como essa estrutura é acionada na web 2.0, nenhuma delas tornaram-se tão emblemáticas, quanto o Facebook e o Twitter. Assim como todos os endereços Web, cuja finalidade é promover a interação entre os outros membros, tratam-se de sites que disponibilizam espaços de promoção e criação do relacionamento entre usuários que, por meio de perfis (sínteses com dados biográficos, informações sobre gostos e outras que permitem vislumbrar algo de suas personalidades), articulam suas redes de contatos através de conexões visíveis para outras pessoas que também estão presentes na rede social (BOYD; ELLISON, 2007).

O Facebook, segundo pesquisa do próprio site, possuía mais de um bilhão de usuários totais e aproximadamente 73 milhões apenas no Brasil⁴, em 2013. O site une o globo por meio de uma rede e de ferramentas muito simples, meios pelos quais os usuários publicizam suas redes de contatos e suas vidas, compartilham e curtem tudo aquilo que a eles interessar, debatem conteúdos, inclusive, para o espanto de muitos céticos, temas caros à cidadania⁵. Para os nascidos imersos nessa lógica, unir o real e o virtual, por meio de conversas com amigos e agendamento de eventos é tão natural que é quase como se a interface digital não existisse (JENKINS, 2009).

Já o Twitter é uma rede social que funciona no formato de *microblog*, ele permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos em textos

⁴No mesmo ano o país contava com população de aproximadamente 200 milhões de pessoas. Fonte: Amostragem geral de Domicílios. Disponível em: www.ibge.org.br/pnad. Acesso em: 2 junho de 2014.

⁵O tema mais discutido no domínio brasileiro do site, em 2013, foi a onda de protestos. Fonte: Facebook Stories. Disponível em: <http://www.facebookstories.com/2013/pt-br>. Acesso em: 3 junho de 2014.

de até 140 caracteres, conhecidos como "tweets". Possuía em 2013, no Brasil, mais de 43 milhões de usuários⁶.

Segundo Jenkins (2009, p. 32) É, por meio desses sites que a web 2.0 atinge sua potencialidade máxima. Por meio deles são estabelecidos os diálogos bidirecionais, por meio de publicações de muitos para muitos, conferindo à informação uma amplitude sem precedentes e, além disso, com o diferencial de que isso pode ocorrer sem intermediários. A informação pode percorrer, em razão disso, todos os contatos que compõe a rede do usuário, apesar de sua heterogeneidade e independente de onde estejam esses membros (JENKINS, 2009).

Ainda que seja quase senso comum, dada a larga penetração do Facebook e do Twitter entre os brasileiros, de todas as idades, é importante destacar aspectos do funcionamento dessas redes virtuais. Segundo Recuero (2003), aquilo que de mais particular as torna um instrumento tão poderoso nos dias de hoje. Isto é, a presença on-line de seus nós, ou atores, que são as pessoas, instituições ou grupos que a compõe, e que ali permanecem em constante interação (RECUERO, 2003).

Esses atores são os protagonistas da dinâmica das redes sociais virtuais como um todo. Por meio de seus perfis, interagem uns com os outros, tendo como ponto de partida um lugar comum. Sodré (2002, p.223) utiliza a expressão "nexo comum" para explicar esse ponto compartilhado entre dois ou mais nós e a partir do qual os usuários passam a interagir no ciberespaço. Justamente nesse lugar comum é onde os indivíduos se unem, união que tende a moldar a estrutura social das redes e permitem a identificação do tipo e intensidade do relacionamento estabelecido entre esses atores (SODRÉ, Ibid.).

Recuero (2003), prossegue na mesma linha de raciocínio de Sodré (Ibid.), segundo a autora, a interação a partir de conexões e desconexões estabelecidas por esses nós constituem o mais importante para a composição da estrutura da rede. São essas "conversas" que produzem sentido e, em contato com as informações, as transformam e as repassam aos demais nós, embebidas de um recorte "hiperpessoal". Isso permite que os demais usuários elejam, entre múltiplas leituras, aquelas mais condizentes com seus códigos de valores e crenças (RECUERO, 2003).

⁶ Fonte: Social Bakers. Disponível em: <http://www.socialbakers.com>. Acesso em: 2 junho de 2014.

Dada a importância das interações, como Recuero (Ibid.) e Sodré (2002) apontam, é importante entender os aspectos assumidos pelos relacionamentos nas redes sociais telemáticas. Segundo Garton et al (1997) isso é fundamental para entender como as informações fluem pela rede. Ou melhor, em outras palavras, o estudo das relações entre as pessoas inseridas nesse emaranhado de conexões diretas e indiretas é importante, pois determina como os fatos serão conhecidos pelos demais atores conectados direta ou indiretamente.

Ainda para Garton et al (Ibid.), essas relações podem ser caracterizadas por conteúdo, direcionamento e força. No que diz respeito ao direcionamento, Garton et al (Ibid.) dizem que em sites como o Facebook ou o Twitter, elas podem ser unidirecionais ou bidirecionais. O que significa dizer que um usuário pode dar e receber conteúdos para outro, ou apenas enviar esses dados a ele, numa ligação desequilibrada entre os nós da rede. Ainda segundo os autores, os relacionamentos mantidos entre membros de redes sociais na Internet, também diferem em força. Recuero (2003) identifica a intensidade deles, em relação aos laços que os mantêm conectados. Os laços fortes são aqueles que surgem em função da intimidade, proximidade e pela vontade de criá-los e mantê-los. Granovetter (1973, p. 213) afirma que esses laços exigem tempo para tomarem forma, demandam tempo e, por essa razão, surgem mais comumente em função de parentesco, ou amizades que não se limitam apenas ao ciberespaço.

Já os laços fracos, para Recuero (2003) são aquelas ligações que não dizem respeito a proximidade e intimidade, mas se dão em função de uma interação pontual. São justamente esses laços, complementa Granovetter (1973), que sustentam a interação na rede social, pois eles se dão a partir do convívio em um único meio, servindo como promotores das informações em relação aos demais componentes dessa rede. Castells (2000) avança na análise, de acordo com o autor, os laços fracos são úteis, pois fortalecem as informações e abrem novas vias de discussão entre desconhecidos, "num modelo igualitário de interação, no qual as características sociais são menos influentes na estruturação ou mesmo no bloqueio da comunicação" (CASTELLS, 2000, p. 445).

Além da caracterização da relação entre os nós de uma rede, proposta por Garton et al (1997), há outra tipologia de laços, os laços multiplexos. Segundo Degenne e Forsé (1999, p. 43) "essa relação se estabelece quando as interações transbordam do ciberespaço para o mundo concreto". Por exemplo, um usuário do Facebook, busca na

rede social um grupo para dividir apartamento. Estabelece laços fracos com diversos membros desse grupo, até localizar um anúncio de um imóvel que considera adequado. Esse laço fraco e unidirecional, a princípio, torna-se forte a partir do momento em que ele [o usuário] decide alugar o apartamento compartilhado com outro nó - outra pessoa. Em geral esse tipo de laço é forte, pois não esvai-se no virtual, ele se materializa em situações cotidianas dos usuários (DEGENNE & FORSÉ, 1999).

Os laços, para além de níveis de intensidade e direcionamento, são determinados a partir dos conteúdos, que, para Garton et al (1997), referem-se aquilo que, de fato, é comunicado. Em uma interação mediada por computador, os nós de uma rede podem trocar diferentes tipos de informações, como dados administrativos, enviar arquivos, compartilhar músicas, fotos, notícias, ou mesmo, marcar uma reunião de amigos. São essas informações, segundo Recuero (2009), que os usuários observam ao decidir com quem e em qual intensidade manterão relacionamento.

Estes traços constitutivos das redes sociais virtuais, cuja popularização na esteira da expansão do acesso ao ciberespaço, e da forma como se estabelecem os relacionamentos mediados por dispositivos telemáticos, engendram uma alteração do processo comunicativo, ao expandir a "sociabilidade para além dos limites socialmente definidos do autoconhecimento". (CASTELLS, 2000, p.445) e, segundo Lévy (1999, p. 29) "tornam disponível a todos que estão inseridos nessa estrutura, um espaço no qual as inteligências individuais podem se articular e produzir saber democrático, num processo de construção daquilo que o autor chama de inteligência coletiva".

Lévy (1998, p. 28) explica aquilo que chama de inteligência coletiva como uma forma de saber distribuído por toda a rede, alimentada individualmente, em tempo real, a partir do processamento das informações que cada um dos nós que essa rede contém. Desde sua perspectiva, o autor defende que o objetivo da inteligência coletiva é o "enriquecimento mútuo das pessoas" (Ibid, p.29), surgida da interação entre o indivíduo e as informações, numa relação baseada na participação ativa de cada pessoa na produção de significados, readequando significantes propostos por outros nós de uma rede, ou nas palavras do próprio autor: "a inteligência coletiva é como uma grande colcha de retalhos em que cada ponto pode ser costurado em qualquer outro (LÉVY, 1998, p. 181).

Justamente, por isso, Segundo Ferrari (2010), Dave Evans afirma que as redes sociais na Internet têm papel preponderante para a democratização da informação, na medida em que a participação e a influência de cada nó, tende a ser gerida pela lógica da ferramenta, todos para todos, muito diferente da forma com que os veículos de comunicação tradicionais instituíaam o processo comunicativo.

O resultado disso, segundo Terra (2008, p.28) tende a ser que "conforme as pessoas obtenham acesso às plataformas digitais, a cidadania é fortalecida" e assume papel ativo na batalha pelo espaço público, desde o lugar de comunicação que ocupam. E, segue Terra (Ibid, p. 29), "munidos desses lugares de fala, os internautas passam a exercer influência e pressão sobre o Estado, as organizações e as outras pessoas".

Dáí o potencial de sites, como Facebook ou o Twitter, ao ampliarem a possibilidade para o estabelecimento de vínculos, trazerem à luz uma gama quase infinita de leituras sobre o mundo e os fatos, gerando aquilo que Lévy (1999, p. 28) chama de inteligência coletiva. As peculiaridades de inserção, uso, disseminação e apropriação das informações, muito relacionadas à vontade e às leituras individuais da realidade, acabam alterando a forma como as notícias tornam-se públicas, como são lidas e repercutidas, uma vez que os nós da rede passam a influenciar uns aos outros ao deterem a plataforma como mídia, conquistando lugares de fala e reconhecendo em outros nós, interpretações comuns da vida e do mundo. Nesse movimento de midiatização dos indivíduos, a hegemonia dos veículos de comunicação tradicionais, como o rádio, jornais e a televisão, passou a ser contestada e rivalizada, na prática.

É fundamental, portanto, dados os objetivos desta pesquisa, aprofundar as discussões nessa direção no item seguinte.

3.2 Redes Sociais na Internet e os Veículos de Comunicação de Massa

A ascensão das redes sociais na Internet, atravessou o campo das mídias e se assemelhou com uma intempérie climática não prevista. Os veículos de mídia, nascidos na Era Industrial, apesar de serem importantes atores sociais, a influenciarem e serem influenciadas por ela, foram surpreendidos pelo rápido avanço das interações mediadas por computador. Em função disso, viram sua influência ameaçada e - em muitos casos -

até desapareceram⁷. Apesar de, neste estudo, não serem buscadas explicações para esse fenômeno, não se pode desconsiderar o fato de haver profunda diferença entre processo de emissão-recepção no ciberespaço, em relação aquele proposto por jornais, revistas, rádios e redes de televisão. Segundo Thompson (2008, p.34), nesses veículos "há uma dissociação estrutural entre a produção de formas simbólicas e sua recepção, ou seja, o contexto de produção é sempre diferente dos contextos de recepção". Um jornal é produzido em uma redação especializada e é lido nas residências, cafés e consultórios médicos. O que acaba tornando, ainda para Thompson (Ibid., p.35), "os receptores parceiros desiguais no processo de intercâmbio simbólico", o oposto do que ocorre na proposta de inteligência coletiva de Lévy (1999).

Habermas (2003, p. 202), acredita que os veículos de comunicação de massa possuem caráter integrador e uniformizador, solapando dos receptores a autonomia de "dizer e contradizer", tornando-os, portanto, meros consumidores. Essa abordagem vai ao encontro do que a Escola de Frankfurt acreditava, em se tratando da relação emissor e receptor na lógica da Indústria Cultural:

O espectador não deve ter necessidade de nenhum pensamento próprio, o produto prescreve toda reação [...] Toda ligação lógica que pressuponha um esforço intelectual é escrupulosamente evitada [...]O pensamento é ele próprio massacrado e despedaçado (ADORNO; HORKHEIMER, 1991, p. 128-129).

Ambos os pontos de vista, no entanto, são questionados por Thompson (2008, p.31), segundo o qual "devemos abandonar a ideia de que os destinatários dos produtos de mídia são espectadores passivos, cujos sentidos foram embotados pela contínua recepção de mensagens singulares".

Ainda que, dessa perspectiva, não possamos identificar os veículos com o império midiático retratado por Orson Welles no filme "Cidadão Kane"⁸, cuja capacidade de influir na vida política e nos assuntos de Estado era muito grande, para não dizer ilimitada, é inegável o papel desses jornais, revistas e redes de televisão para a composição daquilo que conhecemos como esfera pública.

⁷Fonte: PIO, Dirceu Martins. O Fechamento de Jornais Impressos. Acesso em 23/05/2014. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed717_o_fechamento_de_jornais_impessos

⁸Cidadão Kane é um filme de 1941 que conta a história da ascensão de um mito da imprensa americana, de garoto pobre no interior a magnata de um império dos meios de comunicação. Dirigido e estrelado por Orson Welles, que também assinou o roteiro original em uma parceria com Herman J. Mankiewicz.

Essa importância, segundo Thompson (2008, p. 23), remonta à época em que esses veículos solaparam em importância a comunicação face a face, tomaram para si a função de produzir e transmitir símbolos formadores da sociedade. Com o desenvolvimento das tecnologias e crescimento do alcance da audiência à qual se dirigiam, esse poder foi anabolizado, na mesma medida em que os interesses privados de seus controladores se confundia com a relevância pública das informações que transmitiam (THOMPSON, *Ibid.*).

A problemática diante disso é clara. Segundo Ferrari (2010, p.77), desde as bancas da Acadêmica, a prática jornalística habituou-se a crer que o controle da informação é do emissor, o jornalista. Eles e, portanto, os veículos em que atuam, poderiam selecionar conteúdos conforme objetivos específicos, transmitindo informações que acreditavam que agiriam de forma a moldar a sociedade de acordo com seus interesses particulares, deixando de lado a função social dos meios de comunicação (THOMPSON, 2008).

Todavia, segundo Schmidt e Cohen (2013, p.1) “o que começou com o surgimento de um sistema de transmissão eletrônica de informações” e, com a evolução tecno-científica que se sucedeu, se transformou “numa válvula de escape onipresente e infinitamente multifacetada para a expressão e energias humanas”, ou seja com a ascensão da Internet e, especificamente, das redes sociais virtuais, ocorre uma surpreendente quebra de paradigmas para os sistemas que operavam por meio da imprensa tradicional (SCHIMIDT & COHEN, 2013).

De acordo com Stasiak e Barrichello (2007, p.108), essa quebra de paradigma se consolida com o movimento de apropriação da informação, que permite o surgimento de um novo espaço midiático, inserido no plano sistêmico de poder, do qual Estado e as organizações midiáticas tradicionais compartilhavam com exclusividade. Cujos resultados, no limite, seria a "transformação da vida humana nas suas formas de socialização" (STASIAK; BARRICHELO, *Ibid.*, p. 109).

No mesmo sentido, Ferrari (2010, p.77) afirma que o surgimento dessa nova sociedade, e suas particularidades comunicativas, implica uma mudança na forma como as mídias tradicionais se relacionam com os públicos, uma vez que veem surgir um aparato midiático em cada usuário da Internet inserido numa rede social virtual, que se constitui a partir de uma lógica distinta. Schmidt & Cohen (2013) ilustram, desde a

perspectiva de executivos do setor de tecnologia⁹, a força desse momento, ao constatarem que:

Até 2015, a maior parte da população mundial terá saído, da quase total falta de acesso às informações para o domínio de toda a informação do mundo através de aparelhos que cabem na palma da mão[...] por isso, várias instituições e hierarquias precisam se adaptar ou correm o risco de se tornarem obsoletas, irrelevantes à sociedade moderna (SCHMIDT; COHEN, 2013, p. 6-12).

Diante desse contexto, para Ferrari (2010, p. 78), o que se vê é uma prática jornalística que se adapta ao seu tempo, se reconfigura, dando espaço e voz ao receptor e abandonando a Teoria do Gatekeeper¹⁰, cuja premissa é uma seleção silenciosa da informação, deixando-a livre de digitais para que o receptor não perceba sinais de edição.

Marcondes (1993, p. 105) aponta, criticamente, que essa adaptação varreu das páginas dos jornais tudo de mais relevante que eles continham. Para fazer frente a hipertextualidade permitida pelas tecnologias digitais, a mídia tradicional adaptou-se e abriu espaço para série de trivialidades, textos curtos e tornou-se auto-referencial, o que significa dizer que seus conteúdos passaram a ser pautados com base em conteúdo de outros veículos, nas palavras do autor, agem "olhando-se como espelhos narcísicos". O autor ainda faz referência às redes sociais na Internet, quando, em entrevista, afirma que:

O perfil da profissão [do jornalista] se vê diante de um sistema que produz, ele mesmo, continuamente fatos e novidades, revela notícias retumbantes e se atualiza mais rapidamente do que a própria imprensa. Não bastasse isso, mesmo a comunidade de usuários, formada por centenas de milhões de pessoas, tornou-se, ela também, "colaboradora" na produção de fatos e factoides jornalísticos. Visto dessa maneira, a prática jornalística se vê hoje inundada por essa verdadeira enxurrada informacional que lhe impõe uma séria e radical revisão de sua atuação e de sua importância para não submergir totalmente a essa situação (MARCONDES, 2011).

⁹ Eric Schmidt é o presidente do Google. Jared Cohen é Diretor do Google Ideas e membro de órgãos de relações exteriores do Departamento de Estado do governo dos Estados Unidos.

¹⁰ Segundo PENA (2005, p.133-135) a Teoria do Gatekeeper diz que "só viram notícia aqueles acontecimentos que passam por um portão (gate). E quem decide isso é uma espécie de porteiro ou selecionador (o gatekeeper), que é o próprio jornalista", além disso, o gatekeeper seria o responsável por dar continuidade ao tratamento do fato, transformando-o em notícia ou por retê-lo numa escolha pessoal, subjetiva e arbitrária".

Esse processo de construção da notícia e seleção da noticiabilidade dos conteúdos em função das mídias sociais, se dá pois, segundo Ferrari (2010, p.88) “as relações intertextuais pressupõem uma atividade receptiva com base numa estrutura de comunicação semelhante a um espectador-ator”. A autora ainda exemplifica essa mudança da cobertura jornalística: "o conteúdo on-line está presente até quando um e-mail é enviado comentando determinada matéria, podendo se tornar, às vezes, parte da cobertura jornalística" (Ibid, p.90).

A implicação dos entendimentos de Ferrari (2010) e Marcondes (1993) vai ao encontro daquilo que Lévy (1999, p.203) afirma tratar-se de "uma alternativa às mídias tradicionais". O que significa dizer que na Internet, em especial nas redes sociais, as pessoas passam a produzir e consumir notícias (inclusive fotos e vídeos) sem passar pela intermediação do jornalismo. Segundo Bruns (apud BARBOSA, 2013, p.5), fora do controle das mídias tradicionais, esse espaço adquire a capacidade de ser a fonte e, ao mesmo tempo, um espaço de reverberação das informações, o que representa um grande movimento no sentido de redefinir a esfera pública.

3.3 A Esfera Pública e a Internet

Antes de nos aprofundarmos nas discussões sobre uma mudança na esfera pública, é fundamental refletir rapidamente sobre o conceito, visto que seu uso permite diversas interpretações.

Conforme Avritzer e Costa (2003) há duas definições fundamentais de esfera pública: a de Hannah Arendt e Jünger Habermas. Segundo os autores, Arendt considera a separação entre o público e o privado como o elemento central da política, sendo o privado o menos partilhável possível. Já o que é de ordem público, por ser comum e inerente à condição humana, adquire visibilidade e permanência. Ainda segundo Avritzer e Costa (2003), Jünger Habermas conceitualiza, idealmente, a esfera pública como um espaço "desvinculado das estruturas de poder" (Ibid., p.724). Marcondes (2007) complementa o raciocínio:

[Na esfera pública] Deve predominar a universalidade, a racionalidade, a reciprocidade, a igualdade e a não-coerção, pois sem tais características de nada adianta existir um espaço de deliberação pública, no qual se possa legitimar o

processo democrático. [Habermas] Entendia o espaço público como um espaço de participação e interação, lugar de comunicação e deliberação (MARCONDES, 2007, p. 23).

Habermas, segundo Marcondes (2007, p.1), também identificava nos veículos de comunicação características "raciocinantes" na escolha das informações a que dariam "pauta", em função de seus interesses privados, impedindo, portanto que na prática se instituisse uma "atmosfera de conversação e diálogo, onde predomina a universalidade e a racionalidade, a igualdade e não-coerção. Nesse sentido, ao fazer uma crítica à Habermas, Thompson (2008, p.156) distensiona a abordagem virulenta no que diz respeito à ideologização das mídias de massa, pois, segundo ele "o surgimento de novas formas de comunicação transformaram as condições de interação, comunicação e difusão das informações na sociedade".

Hoje, mais do que nunca, com a mudança da lógica de funcionamento das mídias, dada sua necessária adaptação com o vertiginoso desenvolvimento das comunicações mediadas por computador a perspectiva crítica de Habermas, mencionada por Marcondes (2007), Thompson (2008) e por Avritzer e Costa (2003) pode ser repensada. Num mundo em que todos falam para todos, sobre qualquer tema, agregando uma série de significações, o que possibilita, segundo Gomes (2006, p. 52) que a "própria Internet se constitua como esfera pública", na medida em que se considera os debates em que nela ocorrem.

Para melhor entendimento das implicações sobre o impacto da internet para a extensão das possibilidades da participação política, Gomes (2005, p. 10-11) organiza o debate, de acordo com ele há duas grandes vertentes teóricas que tratam do tema. A primeira aborda "o revigoramento da esfera da discussão pública como efeito direto da entrada em cena de um novo meio-ambiente de comunicação política". Enquanto o segundo, "destaca a capacidade dos novos meios, em geral, de superar o déficit democrático dos tradicionais meios de comunicação de massa".

A primeira perspectiva, ainda de acordo com Gomes (Ibid, p. 12), enxerga novos arranjos e possibilidades da esfera pública por meio da internet. É um enfoque que identifica uma espécie de ágora¹¹ global na forma como a web se organiza, como ilustra

¹¹Na Grécia Clássica, a ágora era a praça principal da polis grega, espaço físico da deliberação democrática, onde os agentes da política discursavam. O entendimento, aqui, é como o espaço das interações (virtuais) na esfera pública, dos debates políticos, da convivência e da visibilidade.

Castells (2003, p.115): "o ciberespaço tornou-se uma ágora eletrônica global em que a diversidade da divergência humana explode em uma cacofonia de sotaques". Tal abordagem é assumida por Lemos e Lévy (2010, p.192), pois segundo eles muito do potencial democrático da Internet está em sua identificação com o conceito de esfera pública, já que o mundo virtual permite a livre troca, o livre debate entre os usuários a respeito de temas os mais variados. Lemos e Lévy (Ibid) acreditam na formação das mesmas ágoras virtuais, similares às que Castells (Ibid, p. 115) identifica, sendo que seus principais objetivos seriam "apoiar o diálogo, a deliberação, a decisão e a ação de todos os cidadãos que desejam dela participar" (LEMOS; LEVY, 2010, p.192).

Gomes (2005, p.12) explica esta noção, ao afirmar que a Internet permite o funcionamento de diversas ferramentas - espaços virtuais - para a discussão pública, acrescenta ainda que é fundamental para esse entendimento a proporção, ou abrangência, que esses debates pelas redes de comunicação telemática podem assumir, dada sua adoção em larga escala, o que:

Dispensaria também uma série de dificuldades que rondam as discussões off-line: superação das injunções, filtros e controles interpostos nas discussões promovidas pelas diferenças de valor relativo de cada um na sociedade, reduzida em virtude da possibilidade do anonimato, por exemplo (GOMES, 2005, p.12).

Lévy (1999), no mesmo sentido, considera a Internet um espaço aberto para comunicação, um suporte para discursos alternativos, críticos, controversos, o que a aproximaria daquilo que Habermas estabelece como paradigma de esfera pública, perspectiva corroborada pelas palavras de Buchstein (1997):

[a Internet preencheria] (...) todos os requisitos básicos da teoria normativa de Habermas sobre a esfera pública democrática: é um modo universal, anti-hierárquico, complexo e exigente. Porque oferece acesso universal, comunicação não-coercitiva, liberdade de expressão, agenda irrestrita, participação fora das tradicionais instituições políticas e porque gera opinião pública mediante processos de discussão, a internet parece a mais ideal situação de comunicação (apud GOMES, 2007, p. 12).

Lemos (2009), sustenta o potencial da Internet e afirma que ela pode, inclusive, emergir como uma nova esfera pública:

Pode-se pensar no ciberespaço como uma nova esfera pública de conversação, onde o mundo da vida amplia o capital social, recriando formas comunitárias, indenitárias

(público), ampliando a participação política. A função conversacional das mídias de função pós-massiva pode servir como fator privilegiado de resgate da coisa pública (LEMOS, 2009, p.27).

Gomes (2005, p. 13) diz que a fase mais eufórica sobre o potencial da Internet para estabelecer a discussão pública on-line foi superada e, em função disso, proporcionalmente, os enfrentamentos teóricos mais acirrados, o autor destaca, porém que ainda há muito debate a esse respeito, e as conclusões dos autores, por sua vez, dependem do entendimento da Internet "como um espaço autônomo da sociedade civil, ou de um domínio sob os cuidados do Estado". Ou seja, não é conclusiva a noção da Internet como um espaço de participação civil direta, como bem sintetizam Barros e Sampaio (2010, p. 93): "trata-se de uma sobrecarga de exigências às quais a internet isoladamente, como um meio tecnológico provedor de novas ferramentas, não tem demonstrado capacidade de atender".

Já o segundo aspecto da abordagem sobre a esfera pública com a ascensão da Internet, segundo Gomes (2005, p. 13), é aquele em que se discute a "superação do viés antidemocrático dos meios de comunicação tradicionais". Uma vez que por meio da web a informação política pode, finalmente, chegar ao público diretamente de uma fonte primária, ou seja, por meio de um agente do campo político. Nesse sentido, Lévy (1999, p. 96) destaca o grande poder das mídias digitais reside em sua contribuição para o surgimento de um espaço público que "deixa de ser regido segundo o interesse de poucos, por meio de conglomerados de mídia e amplia-se, incluindo múltiplos entendimentos do mundo percebido".

Com os canais digitais avançando rapidamente, perderia força, portanto, segundo Gomes (2005, p.13), o sistema de mediação entre informações da esfera política e o público, ou seja, o campo do jornalismo. O que, para Gomes (Ibid, p. 13) implicaria numa "informação política mais variada[...], pois não contém apenas o registro da atualidade jornalística selecionada e editada[...], mas também toda a sorte de registro de fatos e atos políticos do passado".

Segundo Barros e Sampaio (2010, p. 93), afirmam que o debate público on-line cumpre seu papel na medida em que assume a forma de um "ambiente discursivo no qual a maturação de aptidões intelectuais e argumentativas do cidadão" podem ser desenvolvidas. Tornando-se, pois, uma ferramenta auxiliar, complementar da

deliberação pública, ainda que não institucionalizada, confere liberdade suficiente para permitir a formação espontânea de opiniões.

Marques (apud BARROS; SAMPAIO, 2010, p.93) reafirma este viés ao identificar a Internet "como um lugar de debates de naturezas distintas (uns mais sérios, outros nem tanto), mas sem maior viabilidade de se aliar a deliberação plena, à decisão efetiva quanto à implantação de políticas públicas". Ou seja, acredita que a web, e suas ferramentas, como as redes sociais na Internet, tenham validade para a composição da opinião e do debate público, mas ainda distante da ideia habermasiana de esfera pública deliberativa. Ponto de vista muito similar ao de Buchstein (apud GOMES, 2005, p. 27): "A internet é mais útil no nível da formação de opinião do que no nível da tomada de decisão".

Ambos as abordagens teóricas a respeito da Internet e sua relação com a esfera pública apontam para o fato de que ela se constitui como força motriz, ou como uma ferramenta complementar, uma vez que, segundo Gomes (2005, p. 12), nem mesmo seus críticos podem desconsiderar suas implicações, uma vez que "trata-se de um instrumento com enorme potencial discursivo e deliberativo, mas que apenas poderá funcionar como componente da esfera pública se for utilizada dessa maneira por instituições, associações coletivas e de indivíduos". O estabelecimento de um novo meio de comunicação não irá por si resolver os déficits democráticos (MAIA; GOMES, 2011).

Diante disso, ainda que não haja entendimento estabelecido para pensar a Internet como uma ágora virtual, isso não descarta sua potencialidade como espaço de diálogo. Maia e Gomes (Ibid., p.20) afirmam que o mais importante sobre a Internet é que se trata de uma ferramenta complementar. Sozinha, ela não dá conta de substituir virtualmente a esfera pública consolidada, já que é "um lugar de debates de naturezas distintas (uns mais sérios, outros nem tanto), mas sem maior viabilidade de se aliar a deliberação plena, à decisão efetiva". Na mesma linha, Lemos (2009, p. 26), diz que as conversações em ambientes sociais na web fornecem elementos para inferir que, apesar de ser uma esfera conversacional "do prazer, da distração e da polidez", tem criado e ampliado a relação entre "o mundo da vida e debates públicos e políticos, permitindo a formação de opinião pública".

Este potencial da Internet, como mais um elemento a compor a esfera pública, certamente, segundo Gomes (2005, p. 15), torna-se mais forte na medida em que sua inserção nos domicílios cresce, como é o caso brasileiro. Ao observarmos a penetração da Internet no país, salta aos olhos que ela alcançava, até meados de 2013, 103 milhões de pessoas, o que equivale a aproximadamente metade da população total (IBOPE, 2013).

Até 2012, dificilmente se encontraria objeto de análise tão consistente quanto aquele que o ano de 2013 entregou às bancas acadêmicas para observar esta ampliação das atividades políticas, na medida em que as discussões nas redes sociais na Internet passam a influir na esfera pública e, por consequência, na formação da opinião pública¹². A eclosão das Manifestações de Junho daquele ano levantou, desde sua eclosão, sem-número de questionamentos.

É a partir de alguns desses pontos, mais especificamente em se tratando sobre a relação das Manifestações com a ascensão das redes sociais na Internet e sua relação com veículos de imprensa que se dará prosseguimento a este estudo.

¹²Adota-se, aqui, o conceito de Opinião Pública de Lippmann (2008), segundo o qual "a Opinião Pública, seria fruto da ação de grupos de interesse ou de pessoas agindo em nome de grupos que legitimam determina opinião, tornando-a reconhecida como pública, publicizando-a. Portanto, trata-se das opiniões feitas públicas. E não as opiniões surgidas do público.

4 REPERCUSSÕES DAS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013

Neste capítulo, após a revisão de literatura, são apresentados os procedimentos metodológicos empregados nesta pesquisa, bem como são descritos procedimentos e as técnicas empregados para a análise dos materiais empíricos (análise documental e a análise de conteúdo), visando atingir os objetivos desta pesquisa.

4.1 As Manifestações de Junho de 2013

As manifestações populares que tomaram o país e ficaram conhecidas como Protestos de Junho, Manifestações dos 20 centavos ou Jornadas de junho, ergueram-se num primeiro momento para contestar os aumentos nas tarifas de transporte público, ampliando-se conforme o desenrolar dos fatos.

As manifestações tiveram início em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, no final de março de 2013. Ativistas ligados a partidos políticos de esquerda e estudantes anteciparam-se ao aumento das passagens e começaram a sair em marcha pela região central da cidade. Foram duas semanas de protestos com alguns incidentes envolvendo os manifestantes e a Brigada Militar até que, no final da noite do dia 4 de maio, a Justiça em decisão liminar suspendeu o reajuste¹³, contudo, os manifestantes continuaram a reunir-se, exigindo a redução das passagens para R\$2,60 e acusando grupos de mídias locais, o Grupo RBS¹⁴ em particular, de estarem alinhados aos interesses dos empresários do setor de transportes¹⁵.

Logo em seguida, no dia 8 de maio, as manifestações se iniciaram em Goiânia, também em função do reajuste das passagens do transporte público¹⁶. Na capital do Estado de Goiás, os protestos se estenderam até o dia 6 de junho, quando equipamentos públicos foram depredados e pessoas se feriram durante a repressão desferida pela

¹³Fonte: Portal G1. Disponível On-line: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/04/liminar-suspende-aumento-da-passagem-de-onibus-em-porto-alegre.html>. Acesso em 13 de maio de 2014.

¹⁴O Grupo RBS é uma das maiores empresas de comunicação do Brasil e a maior afiliada da Rede Globo. Possui 18 emissoras de televisão, 2 televisões comunitárias, 24 estações de rádio e 8 jornais, incluindo o jornal de maior tiragem no Rio Grande do Sul, o Zero Hora.

¹⁵Fonte: Brasil de Fato. Disponível On-line: <http://www.brasildefato.com.br/node/12571.html>. Acesso em 13 de maio de 2014.

¹⁶Fonte: Passa Palavra. Disponível On-line: <http://passapalavra.info/2013/05/77238>. Acesso em 14 de maio de 2014.

Polícia Militar. No dia 13 de junho a justiça decidiu pelo cancelamento do aumento e a tarifa voltou a custar R\$2,70.

No Dia 6 de junho as manifestações chegaram à capital paulista com o reajuste das tarifas controladas pela prefeitura e pelo governo do estado¹⁷. Ônibus, metrô e trens urbanos tiveram aumento de R\$0,20, de R\$3,00 para R\$3,20, apesar de medidas do Governo Federal que desoneraram impostos cobrados das empresas de transporte público, com objetivo de diminuir a pressão inflacionária¹⁸.

Em resposta ao aumento dos preços, o Movimento Passe Livre¹⁹ convocou uma série de manifestações. A partir do dia 6 de junho, quando teve participação de 2 mil pessoas, os protestos ganharam corpo e se repetiram. No dia 7, mais de 5 mil pessoas saíram às ruas e chegaram a interromper a Marginal Pinheiros, uma das principais vias de São Paulo. A tropa de choque da Polícia Militar coibiu a ação do grupo.

No dia 11 de junho, quando contou com a participação de aproximadamente 12 mil pessoas²⁰, o Passe Livre reuniu os manifestantes na Praça da Sé, no centro de São Paulo, descendo a Avenida Paulista até a Avenida Consolação e, finalmente, bloqueando a Avenida Radial Leste. Neste ponto, se iniciou uma confusão generalizada na esquina da Avenida Rangel Pestana, onde um grupo de indivíduos, que aparentemente participavam da marcha, apedrejaram e atearam fogo em um ônibus²¹. A tropa de choque foi acionada e reagiu violentamente. Apesar da tentativa de negociar com os governos estadual e municipal, O Movimento Passe Livre não foi recebido pelo governador, nem pelo prefeito²².

¹⁷Fonte: EBC. Disponível On-line: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-06-11/manifestantes-contr-aumento-da-passagem-entram-em-conflito-com-pm-em-sao-paulo>. Acesso em 14 de maio de 2014.

¹⁸ Fonte: Portal IG. Disponível On-line: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2013-05-23/governo-confirma-mp-para-diminuir-impuestos-do-transporte-publico.htm>. Acesso em 14 de maio de 2014.

¹⁹ O Movimento Passe Livre (MPL) foi constituído numa plenária realizada em janeiro de 2005 no Fórum Social Mundial em Porto Alegre, a partir de grupos e coletivos que pautavam a luta pelo passe livre estudantil em várias cidades brasileiras. Segundo Marilena Chauí (2013), seus integrantes são militantes de partidos de esquerda.

²⁰ Fonte: Vice. Disponível On-line: http://www.vice.com/pt_br/vice-news/os-protestos-de-sp-em-7-atos-parte-1. Acesso em 14 de maio de 2014.

²¹ Fonte: EBC. Disponível On-line: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-06-11/manifestantes-voltam-protestar-contr-aalta-no-preco-do-transporte-publico-em-sao-paulo>. Acesso em 14 de maio de 2014.

²² Fonte: Gazeta do Povo. Disponível On-line: <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1381580>. Acesso em 14 de maio de 2014.

A repercussão dos protestos nos veículos de comunicação levaram as imagens, muitas delas violentas (Figura 1), à todo o país. Geralmente, tal violência era creditada à ação de vândalos²³.

Figura 1: Imagens Protestos



Fonte: Folha de São Paulo

Diversos veículos, como o jornal o Estado de São Paulo²⁴, passaram a cobrar, em editoriais, reação mais efetiva para contenção desses vândalos que impediam os trabalhadores de ir e vir, não fizeram, nesse ponto, nenhuma menção aos excessos cometidos pela polícia²⁵. Ao mesmo tempo, por outro lado, começaram a circular na Internet, vídeos, fotos e relatos de manifestantes sobre os abusos cometidos pelos policiais²⁶.

²³ Fonte: CBN. Disponível On-line: <http://www.cbnfoz.com.br/editorial/brasil/s%C3%A3o-paulo/13062014-154682-apos-um-ano-policia-identifica-700-suspeitos-de-violencia-em-atos-em-sp>. Acesso em 14 de maio de 2014.

²⁴ Fonte: O Estado de São Paulo. Disponível On-line: <http://opinio.estadao.com.br/noticias/geral,chegou-a-hora-do-basta-imp-,1041814>. Acesso em 14 de maio de 2014.

²⁵ Fonte: Coral. Disponível On-line: <http://coral.ufsm.br/nimbus/?p=1180>. Acesso em 14 de maio de 2014.

²⁶ Fonte: Tumblr. Disponível On-line: <http://feridosnoprotestosp.tumblr.com/>. Acesso em 2 de fevereiro de 2014.

O governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, atendeu aos pedidos dos editoriais e prometeu ser mais duro contra o vandalismo no protesto convocado para o dia 13 de junho²⁷.

Convocado pelo Movimento Passe Livre em resposta à violência policial e à abordagem dada pela mídia, os manifestantes ganharam reforço e com crescente adesão, os protestos espalharam-se para mais cidades chegando a Natal, Porto Alegre, Teresina, Maceió, Rio de Janeiro²⁸, Sorocaba e Fortaleza²⁹.

A reação da Polícia, em São Paulo, foi forte. Partindo da Avenida Paulista, os manifestantes foram cercados pela tropa de choque, na Avenida Consolação. Na tentativa de coibir a marcha, os policiais atacaram indiscriminadamente as mais de 22 mil pessoas, atirando bombas de efeito moral, spray de pimenta e balas de borracha³⁰. Muitos jornalistas saíram feridos durante as mais de 6h de protesto, em São Paulo. A ação violenta da Polícia Militar, em quase todas as cidades em que ocorreram manifestações foi amplamente repercutida pela mídia³¹.

A partir de então, apesar da derrubada das tarifas de trens, ônibus e metrô, em diversas capitais, inclusive em São Paulo, diversos grupos passaram a convocar os a população às ruas. No dia 17 de junho, mais de 300 mil pessoas tomaram as ruas de mais de 12 cidades do país. Articuladas por meio das redes sociais, especialmente em eventos no Facebook³², receberam o apoio maciço da população e passaram a encampar uma série de bandeiras, como o veto à "Cura Gay"³³, derrubada da PEC-37³⁴, fim da corrupção e condenação à classe política³⁵, entre muitas outras.

²⁷Fonte: ANTP. Disponível On-line:

<http://www.antp.org.br/website/noticias/show.asp?npgCode=69C950D8-B778-42C1-A3D0-7ABE70A04E65>. Acesso em 14 de maio de 2014.

²⁸Fonte: Exame. Disponível On-line: <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/protesto-contra-aumento-da-passagem-reune-2-mil-no-rio>. Acesso em 14 de maio de 2014.

²⁹Fonte: Zero Hora. Disponível On-line: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2013/06/protesto-contra-aumento-na-passagem-de-onibus-acaba-com-23-pessoas-presas-em-porto-alegre-4169693.html>. Acesso em 14 de maio de 2014.

³⁰Fonte: Carta Capital. Disponível On-line: <http://www.cartacapital.com.br/politica/13-de-junho-o-dia-que-nao-terminou-6634.html>. Acesso em 13 de maio de 2014.

³¹Fonte: Folha. Disponível On-line: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295433-pelo-menos-15-jornalistas-ficaram-feridos-durante-cobertura-de-protesto-em-sp.shtml>. Acesso em 13 de maio de 2014.

³²Fonte: Portal Terra. Disponível On-line: <http://noticias.terra.com.br/brasil/brasil-acorda-com-protestos-em-todo-o-pais,01ffe4e19ce4f310VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>. Acesso em 14 de maio de 2014.

³³ Em 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) se posicionou contra a definição de homossexualidade como doença. Entendendo que a homossexualidade é uma variação natural da sexualidade humana, o órgão definiu que ela não poderia ser considerada como condição patológica. A

No Rio de Janeiro, mais de 100 mil pessoas ocuparam as principais ruas e avenidas da cidade. Em São Paulo³⁶, a Marginal Pinheiros e a Avenida Paulista foram tomadas. Já na capital federal, Brasília, o Congresso Nacional foi coberto de manifestantes, produzindo uma das imagens mais impactantes (Foto 2) daquilo que se chama nesta pesquisa de Protestos de Junho³⁷. Em Belo Horizonte, apesar da proibição da Justiça do Estado, que vetou manifestações durante a realização da Copa das Confederações, mais de 12 mil pessoas se reuniram na Praça Sete, no centro da cidade³⁸. Enquanto isso, em Porto Alegre, mais de 10 mil pessoas caminharam pelas ruas centrais da cidade³⁹. O mesmo número de cidadãos que se uniram aos protestos em Curitiba⁴⁰.

partir deste entendimento, uma resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP), de 1999, proibiu os profissionais de participarem de terapia para alterar a orientação sexual. Em 2011, o deputado federal João Campos (PSDB-GO) protocolou na Câmara dos Deputados um Projeto de Decreto Legislativo que propunha suprimir a resolução do CFP referente ao assunto. No projeto do parlamentar (PDC 234/11), ele sustava a aplicação do parágrafo único do art. 3º e o art. 4º, que estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual. Fonte: EBC. Disponível On-line:

<http://www.ebc.com.br/cidadania/2013/06/entenda-o-projeto-de-cura-gay>

³⁴ A Proposta de Emenda Constitucional 37/2011 (PEC37) pretendia, se aprovada, atribuir o poder de investigação criminal seria exclusivo das polícias federal e civis, retirando esta atribuição de alguns órgãos e, sobretudo, do Ministério Público (MP). Disponível On-line:

<http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/06/entenda-o-que-e-a-pec-37>

³⁵Fonte: G1. Disponível On-line: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/06/transporte-e-politica-sao-principais-razoes-de-manifestacoes-diz-pesquisa.html>. Acesso em 15 de maio de 2014.

³⁶Fonte: EBC. Disponível On-line: <http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/06/manifestacao-contra-reajuste-do-transporte-publico-cresce-e-paralisa-ruas-de>. Acesso em 15 de maio de 2014.

³⁷<http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/em-dia-de-paz-em-sp-imagem-da-tomada-do-congresso-ganha-o-mundo,6afc47a43655f310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>

³⁸Fonte: Portal Terra. Disponível On-line: <http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/em-dia-de-paz-em-sp-imagem-da-tomada-do-congresso-ganha-o-mundo>. Acesso em 15 de maio de 2014.

³⁹Fonte: Sul 21. Disponível On-line: <http://www.sul21.com.br/jornal/protesto-em-porto-alegre-tem-multidao-nas-ruas-e-forte-confronto-com-a-policia/>. Acesso em 15 de maio de 2014.

⁴⁰Fonte: G1. Disponível On-line: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/06/manifestacao-em-bh-e-marcada-por-confusao-entre-jovens-e-pm.html>. Acesso em 15 de maio de 2014.

Figura 2: Congresso Nacional Coberto de Manifestantes



Fonte: Folha de São Paulo

Ao contrário do primeiro momento dos protestos, em que os atos eram coordenados pelo Movimento Passe Livre, a partir do dia 17, não havia pauta claramente definida. Os meios de comunicação repercutiram isso e, em resposta surgiu, no dia 18 de junho, na página no Facebook, "Anonymous Brasil"⁴¹, um vídeo elencando 5 razões para os manifestantes prosseguirem nas ruas⁴². O vídeo, ganhou rápida repercussão e passou a pautar tanto manifestantes no país, quanto no exterior, como em Londres, por exemplo, onde manifestações de apoio surgiram rapidamente⁴³.

No dia 20 de junho, cerca de 35 mil pessoas seguiram nas ruas em Brasília, contudo, não conseguiram avançar em direção ao Congresso Nacional e ao Palácio do Planalto e ocuparam a Esplanada dos Ministérios⁴⁴. Além da movimentação na capital do país, houve protestos em diversas outras cidades, foi o dia em que os protestos

⁴¹Fonte: R7. Disponível On-line: <http://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/noticias/ativo-no-facebook-anonymous-assume-lideranca-das-manifestacoes-pelo-brasil-20130620.html>. Acesso em 15 de maio de 2014.

⁴² O vídeo "As 5 causas" recusava bandeiras partidárias e reivindicava: fim da PEC 37, Saída de Renan Calheiros da Presidência do Congresso, Imediata Investigação e punição de irregularidades nas obras da Copa, uma lei tornando a corrupção um crime hediondo e o fim do foro privilegiado para o julgamento de políticos. Fonte: YouTube. Disponível On-line: <http://www.youtube.com/watch?v=v5iSn76I2xs>. Acesso em 15 de maio de 2014.

⁴³Fonte: OperaMundi. Disponível On-line: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/29445/franca+alemanha+portugal+e+canada+terao+protestos+em+solidariedade+aos+manifestantes+de+sp.shtml>. Acesso em 14 de maio de 2014.

⁴⁴Fonte: G1. Disponível On-line: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2013/06/manifestacao-em-brasilia-tem-3-presos-e-mais-de-120-feridos.html>. Acesso em 13 de maio de 2014.

atingiriam seu auge, mais de 2 milhões de pessoas saíram às ruas, em pelo menos 438 cidades de todos os estados do Brasil⁴⁵.

Já no dia 21 de junho, em São Paulo, 35 mil pessoas se reuniram no vão do Museu de Arte de São Paulo (MASP) em um protesto pela derrubada da PEC 37. Manifestantes também foram às ruas em Belo Horizonte, onde tentaram se aproximar do Estádio Mineirão, no qual ocorria partida da Copa das Confederações e, em função disso, foram impedidos pela Polícia Militar, o que acabou gerando conflitos⁴⁶. Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador, também registraram atos.

Nesse mesmo dia, 21 de junho, às 21h, em pronunciamento utilizando cadeia de rádio e televisão, a Presidente da República, Dilma Rousseff, manifestou-se. Prometendo uma série de pactos com o objetivo de melhorar os serviços públicos, em especial, na área de transportes. Prometeu, também, destinar 100% das receitas de petróleo do pré-sal⁴⁷ para a área educacional. Disse ser favorável às manifestações democráticas, reconhecendo a necessidade de uma reforma política para ampliar o poder popular e propondo a convocação de um plebiscito para eleição de uma Assembleia Constituinte Específica⁴⁸. Além disso, esclareceu que não houve redução de investimentos em áreas prioritárias para custear eventos, como a Copa das Confederações e a Copa do Mundo⁴⁹.

Com o pronunciamento de Dilma, a derrubada dos aumentos das tarifas de transporte público, a não aprovação da PEC37 e o encerramento das discussões sobre a cura gay, os protestos perderam dimensão e se arrefeceram, permaneceram, no entanto, em proporções menores e promovidos por agentes políticos, como movimentos sociais e sindicais.

⁴⁵Fonte: Correio Braziliense. Disponível On-line:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2013/06/21/interna_brasil,372809/quase-2-milhoes-de-brasileiros-participaram-de-manifestacoes-em-438-cidades.shtml. Acesso em 16 de maio de 2014.

⁴⁶Fonte: Band. Disponível On-line: <http://noticias.band.uol.com.br/jornaldaband/conteudo.asp?I7>. Acesso em 16 de maio de 2014.

⁴⁷Fonte: Innovare. Disponível On-line: <http://www.innovarepesquisa.com.br/blog/o-pre-sal-e-a-educacao/>. Acesso em 16 de maio de 2014.

⁴⁸Fonte: Veja. Disponível On-line: <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/manifestacoes-constituente-para-fazer-reforma-politica-anunciada-por-dilma-traz-muitas-duvidas-e-um-perigo-o-de-desmoralizar-e-enfraquecer-o-congresso-como-instituicao/>. Acesso em 16 de maio de 2014.

⁴⁹Fonte: Jornal do Brasil. Disponível On-line: <http://www.jb.com.br/pais/noticias/2013/06/24/dilma-propoe-constituente-para-reforma-politica-e-mais-quatro-pactos-nacionais/>. Acesso em 16 de maio de 2014.

Apresentado o fenômeno ao qual o material empírico desta pesquisa se refere, será empreendida análise documental e de conteúdo para prosseguir-se no esclarecimento da discussão.

4.2 Procedimentos Metodológicos

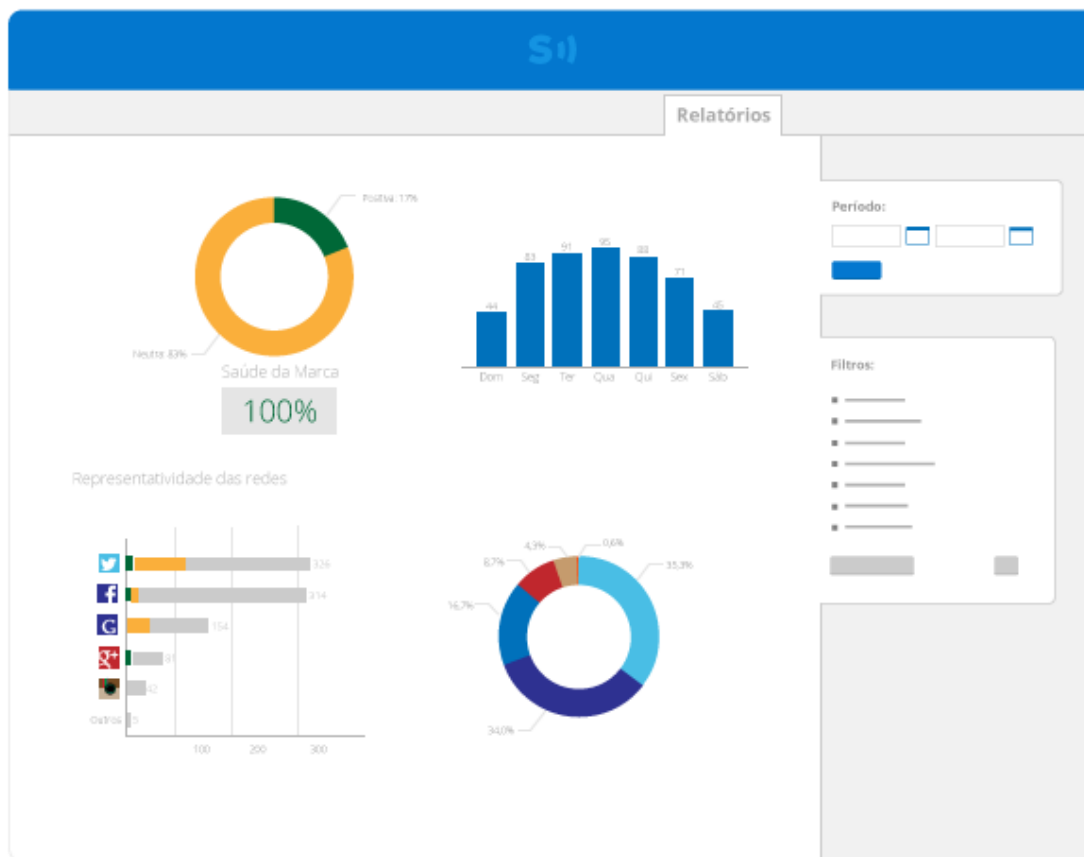
O presente estudo configura-se como pesquisa exploratória, de abordagem quantitativa e qualitativa. Para a análise dos dados empíricos são empregadas as técnicas de pesquisa documental e análise de conteúdo. Nessa direção, antes de realizar a análise propriamente dita, a seguir, descrevem-se os procedimentos metodológicos para a constituição do corpus de estudo e as técnicas empregadas na análise.

Desde aqui importa destacar que o material empírico, organizado a partir de pesquisa documental, procede de três diferentes fontes, conforme se descreve a seguir:

a) Organização de dados sobre as Manifestações de Junho extraídos das Redes Sociais na Internet utilizando a ferramenta Scup⁵⁰, referentes aos dias 6 e 21 de junho de 2013. Esse período foi selecionado por compreender os atos mais relevantes das Manifestações de Junho, e que, portanto, são fundamentais para esta análise. Considerando-se que o Scup é um software que captura dados por meio da indexação de palavras-chave publicadas em rede, e com base nas leituras a respeito das Manifestações de Junho de 2013, definiram-se as seguintes palavras-chave para análise: protesto, manifestação, passelivre, tarifazero, protestoSP, changebrazil, ogiganteacordou, vempraru, protesto, acordabrazil e #protestosp. As buscas na internet ocorreram no período de 12 de março a 17 de abril de 2014. Conforme as informações foram encontradas nas buscas, elas foram armazenadas e transformadas no relatório (Figura 3) que será usado na análise aqui proposta.

Figura 3: Relatório Monitoramento Scup

⁵⁰ O Scup é uma ferramenta on-line para monitoramento de redes sociais na Internet. Criado pela DirectLabs, ela consiste em uma interface que permite monitorar diversas redes sociais, tais como Twitter e Facebook. O monitoramento é feito por meio da seleção e captura de resultados por palavras-chave e os resultados são exibidos em um painel com as últimas ocorrências da mesma.



Fonte: Scup

Cabe destacar, ainda, que o objetivo da seleção deste relatório como documento é permitir o acesso a dados primários sobre a repercussão dos atos nas redes sociais virtuais, informações que não estão mais disponíveis nos sites em que foram publicadas originalmente. A consolidação dos dados obtidos no relatório será apresentada por meio do Quadro 1 e será analisada no próximo sub-capítulo.

b) Compilação de dados sobre a repercussão das manifestações nas Redes Sociais na Internet, nos dias em que ocorreram as principais manifestações (6, 7, 11, 13, 17, 19 e 20 de junho), recuperados pelos pesquisadores Tiago Pimentel e Sergio Amadeu da Silveira, em uma análise de grafos de redes complexas⁵¹, no artigo

⁵¹ Segundo Bessa, Santos, Martinez, Costa e Cardoso (2010), no contexto da teoria de redes complexas, uma rede corresponde a um grafo, que se representa por um conjunto de nós ligados por arestas, que em conjunto formam uma rede. Esta rede ou grafo, permite representar relações. Muitos foram os que se dedicaram a perceber as propriedades dos vários tipos de grafos e como são constituídos, ou seja, como se agrupam os seus nós. Estes estudos são essenciais para a compreensão das relações complexas do mundo que nos rodeia, nomeadamente para as áreas da biologia, da neurociência, da linguística de associação, da psicologia, das redes sociais e das redes de comunicação etc.

"Cartografia de Espaços Híbridos: As manifestações de Junho de 2013"⁵². As informações trazidas no trabalho de Pimentel e Silveira (2013) foram selecionadas pois reúnem dados extraídos do Facebook e no Twitter não mais disponíveis nesses sites para aferição direta. O objetivo desta pesquisa ao selecionar esses dados é, portanto, extrair dados primários sobre o fenômeno em análise. A compilação de dados será apresentada por meio do Quadro 2 e será analisada no próximo sub-capítulo.

c) Identificação, no jornal Folha de São Paulo, dos diferentes materiais jornalísticos que fizessem referência às Manifestações de Junho de 2013, por meio de leitura flutuante. O periódico foi escolhido por se tratar do jornal diário, não popular, de maior circulação no país⁵³ e também o veículo ao qual a classe política mais recorre para manter-se atualizada, segundo pesquisa do Instituto FSB Pesquisa⁵⁴. Foram identificadas 485 referências às manifestações, trazidas pelo jornal em notas, editoriais, crônicas, reportagens, fotos, gráficos, infográficos e chamadas, publicas entre os dias 6 e 21 de junho de 2013 (Anexo 1). O período, conforme destacado anteriormente, foi definido por contemplar os atos das Manifestações que apresentam mais relevância para este estudo. Esses materiais, extraídos do jornal, serão estudados através de análise de conteúdo, nos parâmetros estabelecidos por Bardin (2009): Pré-Análise, Codificação e Inferências.

A este ponto, após descrever os procedimentos para a coleta e organização do material empírico, realizam-se as análises propriamente ditas. Em um primeiro momento as análises são feitas de modo separado e, na sequência, realiza-se o cruzamento dos dados para ampliar a compreensão do fenômeno em estudo, conforme objetivos propostos.

⁵² PIMENTEL, Tiago; SILVEIRA, Sergio A. Cartografia de Espaços Híbridos: As Manifestações de Junho de 2013. In: Escola de Redes. Disponível On-line: <http://escoladeredes.net/group/a-terceira-invencao-da-democracia/forum/topics/cartografia-de-espacos-hibridos-as-manifestacoes-de-junho-de-2013>. Acesso em 12 de março de 2014.

⁵³ IVC, 2013.

⁵⁴In: Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po1601201115.htm>. Acesso em 12 de abril de 2014.

4.3 As Referências às Manifestações de Junho de 2013 nas Redes Sociais na Internet

A partir da pesquisa documental, os dados sobre a repercussão das Manifestações de Junho de 2013 nas redes sociais na Internet obtidos por meio do Scup e na pesquisa de Pimentel e Silveira (2013) foram organizados, para melhor entendimento em dois quadros (1 e 2):

Quadro 1: Monitoramento de palavras-chave no Scup

Data	Nº de citações	Palavras-chave mais frequentes
6 de junho	3450	manifestação;contra;vandalismo
7 de junho	12345	manifestação;contra;vandalismo
8 de junho	15345	protestoSP;manifestação;contra;vandalismo
9 de junho	17234	manifestação;contra;vandalismo;ProtestoSP
10 de junho	5456	manifestação;contra;governo;vandalismo
11 de junho	23454	manifestação;contra;vandalismo;ProtestoSP
12 de junho	32098	manifestação;protestoSP;contra;vandalismo
13 de junho	42345	acordabrasil;changebrazil;vemprarua;povo
14 de junho	48978	acordabrasil;changebrazil;vemprarua;povo
15 de junho	49763	manifestantes;acordabrasil;changebrazil;
16 de junho	52076	acordabrasil;changebrazil;vemprarua;povo
17 de junho	387756	vemprarua;manifestação;acordabrasil;
18 de junho	450128	acordabrasil;changebrazil;vemprarua;povo
19 de junho	432435	acordabrasil;changebrazil;vemprarua;povo
20 de junho	467485	vemprarua;manifestação;povo;acordabrasil
21 de junho	160546	OGiganteAcordou;vemprarua;manifestação

Fonte: Facebook e Twitter

O Quadro 1, tabula os dados obtidos por meio da ferramenta Scup. Eles foram organizados em três colunas, sendo a primeira delas a que indica a data em que os dados foram capturados, enquanto a segunda coluna demonstra o número de vezes que as palavras-chave foram utilizadas e, a última, traz aquelas palavras mais utilizadas pelos usuários nas conversas em sites como o Facebook e o Twitter.

Quadro 2: Pimentel e Silveira (2013)

Data	N° de citações	Disseminadores mais influentes	Apoio dos usuários	Temas mais Frequentes
6 de junho	8750	Estado de São Paulo; Movimento Passe Livre	58%	apoio;adesão;vandalismo; tarifa;violência
7 de junho	17000	Estadão no Facebook; Carta Capital; Folha de SP	59%	
8 de junho				
9 de junho				
10 de junho				
11 de junho	13001	Estado de São Paulo;Verdade Nua e Crua;Passe Livre	65%	apoo;adesão;vandalismo; tarifa;violência policial
12 de junho	31000		65%	
13 de junho	28000	Estado de São Paulo; Verdade Nua ;Occupy Brazil	62%	apoio;violência policial;repressão;tarifa; cobertura
14 de junho				
15 de junho				
16 de junho				
17 de junho	134000	Movimento Contra a Corrupção; Anonymous Brazil	65%	vemprarua;nãoéso20 centavos;repressão;críticaPT
18 de junho				
19 de junho	285000	AnonymousBrasil;Movimen to Contra a Corrupção	65%	vemprarua;nãoéso20 centavos;repressão;críticaPT
20 de junho	300000	AnonymousBrasil;Movimen to Contra a Corrupção	65%	vemprarua;nãoéso20 centavos;repressão;críticaPT
21 de junho	361711	AnonymousBrasil;Movimen to Contra a Corrupção	65%	vemprarua;nãoéso20 centavos;repressão;críticaPT

Fonte: Pimentel e Silveira (2013)

O Quadro 2, tabula os dados extraídos da pesquisa de Pimentel e Silveira (2013). Tais dados foram organizados em cinco colunas: na primeira coluna está a data; na segunda o número de vezes que foram feitas referências aos atos de protesto; na terceira estão as páginas e perfis que foram mais influentes para a disseminação dos conteúdos;

na quarta coluna está o percentual das manifestações de usuários que endossavam os atos; e, na última coluna, estão as palavras mais utilizadas pelos usuários nas mensagens postadas nas redes sociais.

A análise dos quadros revela que, em ambos os levantamentos, ocorre crescente relevância das manifestações nas conversas nas redes sociais na Internet, fato que fica evidenciado pelo crescimento da quantidade de mensagens postadas na web sobre o tema. No quadro 1, no dia 6 de junho, foram encontrados 3450 resultados para a busca sobre os atos. Enquanto no 2, Pimentel e Silveira (2013), afirmam que foram localizadas 8750 manifestações referindo-se aos protestos. Já no dia 12 de junho, foram 32098 e 31000 menções respectivamente. Além disso, conforme o desenrolar dos fatos, pode-se observar na coluna que demonstra o percentual de apoio, o crescimento da aprovação dos atos de protesto (dados do Quadro 2), bem como na coluna que indica as principais palavras-chave utilizadas nas mensagens, observando o Quadro 1.

Entre o dia 6 e o dia 12 de junho, as conversas nas redes sociais, conforme ambos os quadros (1 e 2), demonstram a influência do Movimento Passe Livre nas discussões que aconteciam naquele ambiente virtual, uma vez que a maior parte dos resultados de busca pelas palavras-chave, fazia referência aos atos convocados pelo movimento (quadro 1) e, além disso, a página oficial do grupo aparecia como um dos principais influenciadores na propagação das conversas (quadro 2).

A partir do dia 13 de junho, como também demonstram ambos os quadros (1 e 2), houve uma sensível mudança no perfil das manifestações; as palavras-chaves e os temas mais citados mudaram, atestando essa diferença. Termos como "vempraru" e "changebrazil" passaram a ter mais relevância do que "Passe Livre" e "tarifa", pois foram encontrados mais resultados nas buscas por tais termos. Os influenciadores também mudaram no período. Como revela o quadro 2, as páginas do Movimento Passe Livre, no Facebook e no Twitter, perderam influência nas conversas, na medida em que perfis como "AnonymousBrazil" ganharam relevância. Segundo Pimentel e Silveira (2013), isso ocorreu em função daquilo que os autores chamam de "liderança distribuída", ou seja, não havia mais um núcleo propositor para os eventos, mas sim a "emergência de centros disseminadores como consequência dos próprios eventos" (Ibid, 2013), o que acaba indo ao encontro com o entendimento de sociedade em rede e sociedade informacional, defendidos por Castells (1999) e Lévy (2009).

Outro ponto a ser destacado é a presença, desde a primeira data verificada até o dia 12 de junho, como indica o quadro 2, de comentários publicados nas redes sociais, tendo como influenciador as páginas e perfis oficiais de veículos de imprensa, como Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo. A partir do dia 13, no entanto, quando ocorreu uma intensa repressão da Polícia Militar aos atos, ao mesmo tempo em que as conversas nas redes ganharam força, os espaços oficiais de tais veículos perderam relevância, num movimento de distanciamento das páginas e perfis dessas organizações do centro das conversas que se desenvolviam naquele ambiente de rede.

Após a análise desses dados empíricos, para aprofundar o estudo rumo aos objetivos desta pesquisa, a seguir, analisam-se as repercussões das Manifestações de Junho de 2013 no jornal Folha de São Paulo, mediante a técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2009).

4.4 As Manifestações de Junho de 2013 no Jornal Folha de São Paulo

A investigação da Folha de São Paulo, entre os dias 6 a 21 de junho, foi conduzida utilizando a técnica de análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2009). Segundo ela, trata-se de uma técnica de análise de comunicações, levadas a cabo por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A análise de conteúdo, ainda segundo Bardin (2009, p. 42), "tem como fim formular inferências reproduzíveis e válidas através dos dados coletados dentro de um contexto". Para isso, no presente estudo procedeu-se conforme etapas estabelecidas pela autora: pré-análise, codificação e inferências.

4.4.1 Pré-análise

A pré-análise é um momento importante, pois é quando os pensamentos são organizados. Nessa etapa, foi definido o corpus de análise, cujo recorte respeita a regrada homogeneidade, os dados devem ser de mesma natureza, e da pertinência, os documentos devem adequar-se aos objetivos da análise (FERREIRA, 2003).

Nesta pesquisa, foram realizadas leituras flutuantes de todo o jornal Folha de São Paulo, das edições impressas publicadas entre os dias 6 e 21 de junho de 2013. Após essa leitura, os conteúdos identificados como relevantes para os objetivos deste

estudo foram organizados em uma tabela (anexo 1). Cada menção às manifestações foi relacionada às/aos edições, editorias, seções, colunistas, títulos e páginas em que os conteúdos foram publicados. Nesse esforço, conforme se destacou, foram encontrados 485 conteúdos de interesse para a pesquisa, entre notas, editoriais, crônicas, reportagens, fotos, gráficos, infográficos e chamadas.

4.4.2 Codificação

Após a pré-análise, ainda seguindo o método de Bardin (2009), foram estabelecidas categorias de agrupamento para sistematizar a análise. Foram definidas como categorias:

a) Frequência: Categoria que quantifica as menções às manifestações durante o período analisado. Definido para compreender se as manifestações ganharam critério de noticiabilidade durante o período analisado.

b) Editoria: Categoria que relaciona os conteúdos às editorias⁵⁵ em que os conteúdos aparecem no Jornal, sintetizando a abrangência da cobertura em relação ao total de editorias do Jornal e a relevância que ganharam ao longo desse período. Importa destacar que a Folha de São Paulo possui as seguintes editorias: Primeiro Caderno; Mercado; Cotidiano; Esporte; Ilustrada; Turismo e Classificados. Sendo que apenas as 6 primeiras são de caráter noticioso. Portanto, a categoria apresentará números entre 1 e 6.

c) Abordagem: Esta categoria organiza os índices em relação ao sentido que as expressões, ou imagens, são empregadas pelo jornal em sua cobertura dos fatos, em relação ao esforço discursivo para legitimar⁵⁶ ou deslegitimar as Manifestações de Junho de 2013. A partir da leitura prévia dos materiais foram identificadas três subcategorias para a categoria abordagem, conforme segue:

c') Tendência à legitimação: quando as referências às manifestações utilizam termos ou imagens que remetem à democracia, pluralidade, avanço, cidadania, ou palavras que conotem quaisquer sentidos ou repercussões positivas sobre atos.

c'') Tendência à deslegitimação: quando as referências às manifestações utilizam

⁵⁵ Nos jornais, as editorias podem ser organizadas em Cadernos e Suplementos, que são fascículos de encadernação separada incluídos no conjunto publicado.

⁵⁶A categoria foi estabelecida, considerando o conceito de Habermas, segundo Avritzer (2004), segundo o qual a legitimação é uma estratégia discursiva, para levar um sujeito com capacidade decisória a não somente agir ou fazer algo, mas também atuar em concordância com [outros agentes].

termos ou imagens que remetem à vandalismo, baderna, desordem, caos, violência, crime, ou palavras que conotem quaisquer sentidos ou repercussões negativas sobre os atos.

c"") Tendência à imparcialidade: quando as referências aos atos não podem ser incluídas em nenhum das subcategorias anteriores. Ou seja, quando as manifestações são citadas, mas não há objetivo claro de legitimá-las ou deslegitimá-las.

Consolidados os dados a partir dos conteúdos selecionados (anexo 1), construiu-se quadro 3 em que se observa a ocorrência das categorias em cada uma das edições do período analisado.

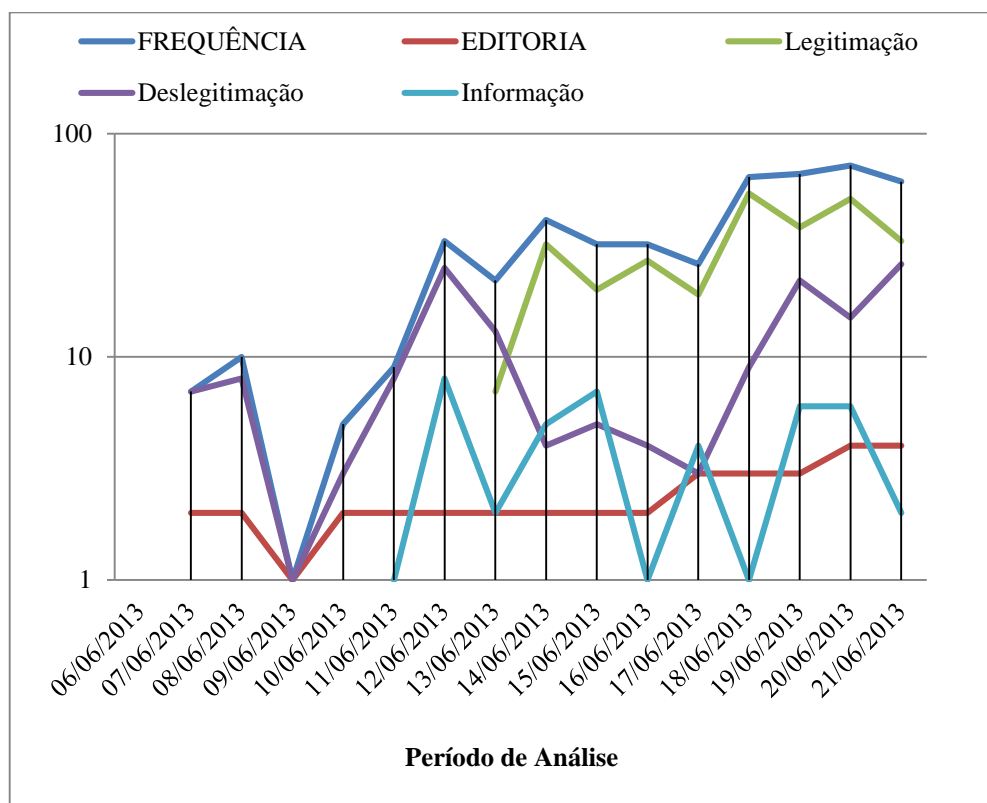
Quadro 3: Folha de São Paulo e as Manifestações de Junho de 2013

DATA	FREQUÊNCIA	EDITORIA	ABORDAGEM		
			Tendência à Legitimação	Tendência à Deslegitimação	Tendência à Imparcialidade
06/06/2013	0	0	0	0	0
07/06/2013	7	2	0	7	0
08/06/2013	10	2	0	8	2
09/06/2013	1	1	0	1	0
10/06/2013	5	2	2	3	0
11/06/2013	9	2	0	8	1
12/06/2013	33	2	0	25	8
13/06/2013	22	2	7	13	2
14/06/2013	41	2	32	4	5
15/06/2013	32	2	20	5	7
16/06/2013	32	2	27	4	1
17/06/2013	26	3	19	3	4
18/06/2013	64	3	54	9	1
19/06/2013	66	3	38	22	6
20/06/2013	72	4	51	15	6
21/06/2013	61	4	33	26	2

Fonte: Autor

A leitura do quadro 3 permitiu a construção do gráfico 1, que ilustra a evolução tanto da repercussão dos atos nas páginas do Jornal Folha de São Paulo, quanto do tratamento jornalístico dado a eles.

Gráfico 1: Folha de São Paulo e as Manifestações de Junho de 2013



Fonte: Autor

4.3.3 Inferências

Com a consolidação dos dados de análise torna-se possível fazer interpretação controlada da semântica envolvida na cobertura do jornal Folha de São Paulo sobre as manifestações ocorridas no mês de junho de 2013, conforme estabelecido por Bardin (2009). Para tanto, em ordem cronológica, as informações apresentadas no gráfico 1 serão retomadas, a seguir, em perspectiva de uma mais detalhada e qualitativa.

6 de Junho - Neste dia não houve nenhuma menção às manifestações nas páginas do jornal Folha de São Paulo, ainda que elas já tivessem ocorrido em outras cidades do país, como em Porto Alegre⁵⁷.

7 de Junho - No dia 7 de junho, o jornal Folha de São Paulo, mencionou o protesto 7 vezes. Tratou-se do primeiro da série de manifestações na cidade de São Paulo e reuniu 2 mil pessoas no dia anterior. Os índices aparecem na capa do Primeiro Caderno, "Vandalismo marca ato por transporte mais barato em SP", e no Caderno Cotidiano, ou

⁵⁷Fonte: G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/04/liminar-suspende-aumento-da-passagem-de-onibus-em-porto-alegre.html>. Acesso em 2 de maio de 2014.

seja, em 2 das 6 editorias noticiosas. Todas as menções utilizaram palavras entendidas nesta pesquisa como negativas, como revela a chamada da capa, portanto, tendiam à deslegitimar a manifestação. O jornal ainda destacou o papel do Movimento Passe Livre na organização do protesto, caracterizando-o como um "grupo formado por alas radicais de partidos como PSOL e PSTU".

8 de Junho - A edição do dia 8 de junho repercutiu o segundo ato, convocado pelo Movimento Passe Livre no dia anterior, 7 de junho, que reuniu 5 mil pessoas, dobrando de tamanho em relação ao primeiro dia, na capital paulista. A Folha manteve a abordagem empregada no dia anterior. O protesto foi mencionado 10 vezes, em duas editorias, sempre por meio de perspectivas que tendem à deslegitimá-lo. Em quase todas as menções ao ato, o jornal utilizou "vândalos" como sinônimo para descrever os participantes. Destaca-se, desta edição, a justaposição das chamadas à imagens fortes, que apresentavam elementos ou palavras ligando os atos à violência e a depredação. Na capa do Primeiro Caderno a chamada dizia "Manifestantes causam medo, param marginal e picham ônibus" e era acompanhada de imagem (Figura 4), que reforçava a orientação dos sentidos propostos pelo texto verbal.

Figura 4: Manifestantes em Protesto contra o aumento da tarifa



Fonte: Folha de São Paulo

9 de Junho - A edição não trouxe nenhum conteúdo noticioso que tratasse das manifestações dos dias anteriores. Apenas no espaço reservado à "Painel do Leitor", no Primeiro Caderno, é que o tema vem à tona por meio da manifestação de Dulce Menezes: "[...] fico solidária aos habitantes da cidade, usuários de transporte público,

por conta das cenas de depredação e violência[...]". Desta forma, a seleção do comentário é desfavorável ao movimento, portanto, tende a deslegitimá-lo.

10 e 11 de Junho - As referências que circularam nas edições da Folha dos dias 10 e 11 de junho seguiram dando mesmo tratamento aos atos, uma vez que não houve fatos novos. O jornal fez menção às manifestações dos dias anteriores, 6 e 7 de junho, em matérias que relataram o apoio da classe política à repressão da Polícia Militar aos atos, relacionando-os à violência, vandalismo etc. Por exemplo, na capa do Caderno Cotidiano do dia 10 de junho, a chamada dizia "Haddad defende ação da PM para tirar protestos das vidas" e a linha de apoio reforçava a ideia do caráter violento dos manifestantes: "Para prefeito, grupo deve renunciar à violência e polícia seguiu protocolo".

Ponto fora da curva, no dia 10, o colunista Marcos Augusto Gonçalves assinou artigo reconhecendo a iniciativa do Movimento Passe Livre. Apesar disso, é claro o destaque dado pelo jornal aos conteúdos que tendiam a deslegitimar os atos de protesto e seus organizadores.

12 de Junho - No dia 12 de junho, o jornal repercutiu o ato convocado pelo Movimento Passe Livre no dia anterior, 11 de junho, que reuniu aproximadamente 15mil pessoas e, novamente, terminou em confronto com a Polícia Militar, quando os manifestantes bloquearam a Avenida Radial Leste. A Folha de São Paulo fez 33 referências aos atos, em duas editorias, 25 dessas menções remetiam à violência e desordem, sempre articuladas a imagens que reforçavam uma leitura neste sentido. A tendência de deslegitimação adotada pelo jornal até esta edição fica clara ao observar-se a capa do Primeiro Caderno, que trouxe a chamada "Contra tarifa, manifestantes vandalizam centro e Paulista". Como imagem da manifestação foi empregada uma fotografia (figura 5) que reforçava o discurso de os atos serem violentos, portanto, não legítimos.

Figura 5: Militantes interditam Paulista



Fonte: Folha de São Paulo

Não houve uma só menção positiva às manifestações. Há, no entanto, que pontuar-se que, considerando o horário de fechamento da edição, 01h07m, a produção jornalística não havia captado a repercussão extremamente negativa do papel da Polícia no ato.

13 de Junho - Nessa edição, a Folha mudou sensivelmente a abordagem nos conteúdos que fizeram referência aos protestos. Essa mudança pode ser compreendida como uma resposta da redação às críticas dos leitores e às conversas nas redes sociais na web. Como revela o próprio periódico na seleção de comentários da seção "Painel do Leitor". Nessa edição, os leitores do jornal se manifestaram criticamente em relação ao trato dado aos atos de protesto pelo jornal, inclusive, comparando essa cobertura a outra onda de protestos que ocorria na Turquia e à qual o jornal fez menção de forma diferente, diz o leitor: "Fico assustado com a hipocrisia da Folha ao chamar os manifestantes brasileiros de vândalos, ao mesmo tempo que chama os turcos de ativistas". Dentre as 22 menções aos atos, 13 ainda apresentam tendência deslegitimadora, enquanto 7 possuem tendência legitimadora e 2 tendem à imparcialidade.

Porém, o jornal utiliza o Editorial⁵⁸ para cobrar ação mais contundente da Polícia Militar para deter o "vandalismo" dos manifestantes e "manter a cidade funcionando". Sob o título "Retomar a Paulista", o jornal diz: "avenida vital de São Paulo se tornou território preferido de protestos abusivos que prejudicam milhões para chamar a atenção do público". E complementa, recomendando às autoridades uma ação mais efetiva para

⁵⁸Os editoriais são textos de um jornal em que o conteúdo expressa a opinião da empresa, da direção ou da equipe de redação, sem a obrigação de ter alguma imparcialidade ou objetividade.

coibir os atos: "É hora de pôr um ponto final nisso. Prefeitura e Polícia Militar precisam fazer valer as restrições já existentes para protestos na Avenida Paulista".

Na sequência, ainda no Primeiro Caderno, na editoria Poder, a Folha traz matéria que parece responder ao pedido do Editorial, cita o governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, afirmando que será mais duro na repressão aos protestos marcados para a noite do dia em que a edição circulou. Tanto o Editorial "Retomar a Paulista", quanto a "resposta" do governador validam as constatações sobre os conteúdos publicados até a edição do dia 13 de junho. Nesta edição, por meio do editorial, a Folha deixa clara sua posição sobre as manifestações – posição essa que já podia ser evidenciada pelo conteúdo veiculado nas edições anteriores, como esta análise já evidenciou.

14 de Junho - Após os atos do dia 13, da reação da Polícia Militar e da repercussão gerada por esse enfrentamento, os conteúdos detectados na Folha de São Paulo revertem sua posição editorial, assumida no dia anterior. Seja em função da fúria com a qual a Polícia Militar atendeu ao pedido do Editorial "Retomar a Paulista", seja em função das críticas dos próprios leitores, ou mesmo, em função da divulgação de pesquisas de opinião que demonstram o massivo apoio popular aos atos, fato é que esta análise identifica inversão do posicionamento adotado pelo jornal até esta edição.

Figura 6: Polícia agride casal que tomava cerveja em bar na Paulista



Fonte: Folha de São Paulo

Como demonstra a Figura 6, ao contrário do que se via até aqui, a seleção das imagens veiculadas pelo jornal deixa de mostrar manifestantes cobertos por máscaras e ateando fogo à cidade. Agora, exhibe policiais atacando as pessoas que participavam dos

atos. Além disso, a escolha de palavras e expressões nesta edição atenuam-se, revelando que apesar de haver vandalismo, o movimento tem caráter pacífico, e uma causa clara: "no 4ª ato contra a tarifa, PM cerca manifestantes e usa balas de borracha e bombas de efeito moral contra as pessoas", diz o texto de apoio da capa do Primeiro Caderno.

No total, 32 menções tendem a legitimar as manifestações, dentre um total de 41 que circularam na edição. Outras 5 menções tendiam à imparcialidade e apenas 4 menções traziam elementos desqualificadores, ainda assim, por meio de discurso diverso do adotado nas edições anteriores, entre os dias 6 e 13 de junho.

15 de Junho - Nessa edição, o jornal fez 32 menções aos protestos, em duas editorias, sendo que 20 das referências tendiam a legitimar os atos, enquanto 5 apresentavam discurso deslegitimador, e 5 tendência à imparcialidade. A maior parte dessas referências trazia justificativas das autoridades sobre a ação violenta da Polícia Militar do Estado de São Paulo na noite do dia 13 de junho. A capa do Primeiro Caderno trazia a resposta do governador Geraldo Alckmin às críticas: "protesto tem viés político". Chama atenção, nesse sentido, a forma como o jornal aborda a violência dos policiais e os próprios atos à falta de resposta das autoridades ligadas ao Partido dos Trabalhadores (PT), o que é evidenciado no Caderno Cotidiano em coluna de análise, assinada pela responsável pela editoria, Vera Magalhães, cujo título "não há vencedor político da batalha campal das ruas de SP" não diz muito em relação ao que ela escreve, pois dedica 5 de 7 parágrafos desdobrando-se discursivamente para responsabilizar as gestões petistas, no plano municipal e federal.

Também ganhou destaque na edição as agressões sofridas por sete jornalistas da própria Folha de São Paulo nas manifestações do dia 13. Em todas as editorias nas quais os atos foram mencionados, havia alguma referência ao tema. No Caderno Cotidiano, por exemplo, uma matéria diz que o Comandante da Polícia Militar responsável pela operação teria afirmado que "jornalista ferido é risco da profissão", na mesma matéria o jornal também traz depoimento de uma das vítimas contando que "as pessoas pediam para não haver violência e mesmo assim a PM jogou bombas e atirou balas de borracha". Tais relatos, uma vez justapostos, tendem a descredibilizar a resposta oficial da Polícia.

16 de Junho - Na Folha de São Paulo que circulou no dia 16 de junho cresce a tendência à legitimação aos protestos. Dentre 32 referências, 27 possuem esse viés de sentido e

apenas 4 procuraram deslegitimá-los. Chama especial atenção, nessa edição, a coluna do Ombudsman⁵⁹, Vera Guimarães Martins. Segundo ela, o jornal havia se pautado pelo "ânimo incendiário de parte dos ativistas" e indica o erro do periódico, "o erro foi não ter dimensionado a parte dos manifestantes que estava ali apenas para depredar". A indicação da problemática da abordagem ecoará nos próximos dias no jornal, como será apontado, seus conteúdos passam a abordar tanto a "parte dos ativos" que incorre à violência, bem como reforçar a legitimidade e importância para a cidadania dos atos de protesto.

17 de Junho - No dia 17 de junho, data na qual havia mais uma manifestação marcada, convocada pelo Movimento Passe Livre, a Folha de São Paulo circulou com 26 referências às manifestações, em 3 editorias, 19 delas utilizaram recursos discursivos que tendiam à legitimação e 9 o oposto. Foi a primeira vez que a abordagem passou a dar destaque ao caráter nacional dos atos. Desde o título dos comentários dos leitores (Primeiro Caderno, seção Painel do Leitor) até as matérias, a abordagem deixou de referir os "protestos em São Paulo" e passou a empregar a ideia de "Protestos pelo país". Além disso, também passou a destacar a heterogeneidade dos participantes. Até então, o jornal sempre relacionava as manifestações à articulação do Movimento Passe Livre. Nessa edição, destaca outros articuladores, como grupos LGBT, mães de manifestantes e grupos em redes sociais na Internet, como revela matéria "Gays, trabalhadores e até mães de manifestantes aderem ao protesto". No Caderno Cotidiano, segundo a Folha, "esses grupos se articulam por meio de evento no Facebook, que até a tarde do dia 16 contava com mais de 1500 confirmações".

18 de Junho - A edição do dia 18 de junho fez 64 referências às manifestações, repercutindo os atos do dia anterior, em todo o país. Em 54 dessas menções, a Folha de São Paulo faz uso de recursos discursivos para destacar seu caráter positivo (a maior proporção no período em análise). Em 9 passagens faz o contrário, deslegitimando-as. A cobertura ocupou 3 editorias e destacou, novamente, a nacionalização dos protestos, além de trazer matérias claramente pautadas a partir das reivindicações, já ampliadas, dos manifestantes, como: críticas à PEC 37, defesa da derrubada do projeto da "cura gay", e, também, destaque para a falta de respostas das autoridades políticas aos atos.

⁵⁹Ombudsman é o profissional contratado pela Folha de São Paulo com a função de receber, investigar e encaminhar as queixas dos leitores; realizar a crítica interna do jornal e, uma vez por semana, aos domingos, produzir uma coluna de comentários críticos sobre os meios de comunicação.

Novamente, o jornal não mais relaciona a organização dos atos ao Movimento Passe Livre. Explica sua articulação em função de eventos nas redes sociais na Internet, convocados por diversos atores desligados do movimento social instituído, sempre destacando a heterogeneidade dos manifestantes e, especialmente, seu "descolamento" dos partidos políticos. Inclusive, traz pesquisa Datafolha, publicada no Caderno Cotidiano, indicando que 84% dos manifestantes não tem preferência partidária. Essa ideia é reforçada na mesma editoria, em nota do colunista de Política, Fernando Rodrigues: "os milhares de manifestantes que marcharam ontem nas ruas das grandes metrópoles estão divorciados dos partidos políticos".

Destaca-se ainda, dessa edição, a tentativa de entender e/ou explicar quem são os manifestantes e por qual motivo vão às ruas, seja por meio tanto da pesquisa Datafolha, ou pelas colunas de opinião, toda a equipe jornalística parece comprometida com esse propósito.

19 de Junho - No dia 19 de junho, a cobertura fez 66 referências aos atos espalhados pelo Brasil. Distribuídos em 3 editorias, os conteúdos voltaram a destacar a violência empregada por alguns manifestantes, sempre "higienizando" os participantes em geral destes "vândalos". Foram 22 menções com tendência à deslegitimar e 38 à legitimar os atos.

A este ponto, pode-se dizer que esse movimento do jornal, também parece ser fruto da difícil fracassada tentativa de "contar a história" das manifestações. Com a leitura das matérias da Folha de São Paulo, fica nítida a sensação de que o veículo não sabe qual caminho editorial seguir, não consegue dar conta em suas páginas da história a ser contada e, acaba retratando em seus conteúdos, um pouco de tudo que se falava a respeito do que acontecia naquele momento. Ainda que tenha encontrado uma motivação para discorrer a respeito da nacionalização dos atos, e seu caráter "cidadão", numa clara oposição ao Governo Federal faz esforço para ligá-lo aos atos.

20 de Junho - Essa edição apresentou a maior quantidade de menções às manifestações do período analisado. Os conteúdos apareceram em 4 das 6 editorias de conteúdo noticioso da Folha de São Paulo. Entre as 72 referências aos atos, 51 os legitimaram e 15 fizeram esforço discursivo contrário. A chamada principal da capa do Primeiro Caderno deu destaque à queda das tarifas, objetivo original dos primeiros atos, convocados pelo Movimento Passe Livre, mas a imagem que compõe a mesma página

demonstra que as reivindicações já são bem mais abrangentes, como se pode ler nos textos dos cartazes (Figura 7).

Figura 7: Manifestantes carregam cartazes com variadas reivindicações



Fonte: Folha de São Paulo

O jornal ainda informa que o Movimento manteve a convocação do ato marcado para aquele dia, pois, relata a Folha, "o verdadeiro fim do grupo é a isenção das tarifas no transporte público". Na sequência, numa aparente tentativa de esvaziar os protestos, o periódico relaciona as demandas do Movimento à fraqueza das autoridades e argumenta em matérias sobre os impactos que tal medida causaria aos cofres públicos.

Voltaram, também, a aparecer nas páginas do jornal, no Caderno Cotidiano, imagens de policiais sendo agredidos por manifestantes e aparelhos públicos depredados, conforme se pode ver na fotografia que segue (Figura 8).

Figura 8: Fachada do Theatro Municipal de São Paulo pichada

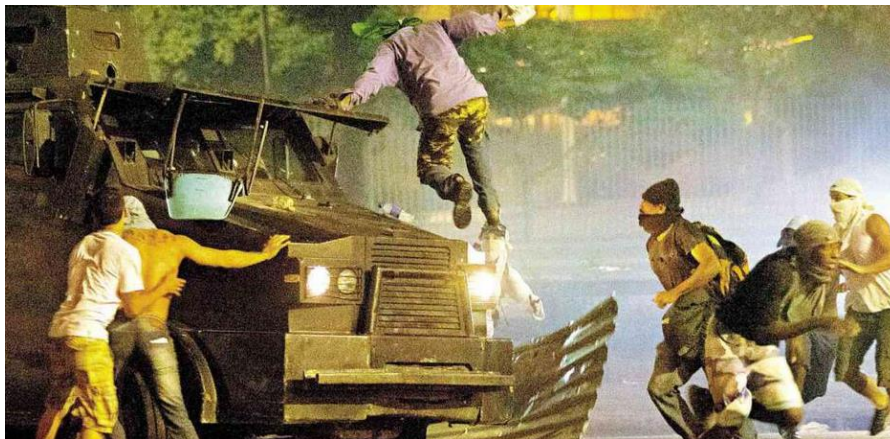


Fonte: Folha de São Paulo

21 de Junho - O último dia analisado nesta pesquisa, 21 de junho, traz a cobertura dos maiores atos do período, ocorridos no final da tarde e noite do dia 20 de junho, cujas

imagens apresentadas pelo jornal, são, no mínimo, impactantes, todas praticamente ligando os atos à violência e ao "caos" (Figura 9).

Figura 9: Fotos demonstram violência dos protestos



Fonte: Folha de São Paulo

Em 61 menções aos atos, que novamente ocuparam 4 editorias, 33 tendiam a legitimar as manifestações enquanto 26 tendiam a deslegitimá-las. Num movimento que parece indicar que a Folha abandonaria a tendência que predominou, desde o dia 14 de junho, a apoiar os atos, cobrindo-os de forma bastante positiva. Fato é que, seja nas colunas de opinião, seja nas reportagens, a Folha mudou novamente sua linha editorial nessa cobertura. As imagens veiculadas pela Folha para referir às manifestações tenderam a dar relevo ao comportamento agressivo de manifestantes. Assim, pode-se dizer que se um sujeito visse as páginas dessa edição e não dominasse a língua portuguesa, poderia ser levado a crer tratar-se de um país em guerra civil ou vivendo uma revolução. Esse 'temor' é revelado pelo jornal em coluna de análise, no Caderno Opinião, apontando para o perigo de atos "sem dono".

Uma vez concluídas as análises documental e de conteúdo, para obter resultados de acordo com seus objetivos, será realizado, no próximo item, cruzamento dos dados verificados em tais aferições.

4.5 Manifestações de Junho de 2013: Redes Sociais na Internet V.S. Folha de São Paulo

A este ponto, após as análises realizadas, importa tensionar os dados e interpretações realizadas a partir da análise documental sobre a circulação das manifestações nas redes sociais na internet e a forma como o jornal Folha de São Paulo abordou o mesmo fenômeno.

A primeira referência às manifestações feita pelo jornal Folha de São Paulo, aconteceu no dia 7 de junho de 2013, quando as menções a elas ainda eram pouco expressivas nas redes sociais na Internet, como revelaram os dados apresentados nos quadros 1 e 2. De fato, a repercussão nas mídias sociais se dava principalmente a partir de nós que correspondiam às páginas de veículos de notícia, como o Estado de São Paulo e a Folha de São Paulo. Isso poderia levar à conclusão de que os conteúdos disseminados por aquelas páginas estabeleciam um sentido para as conversações. Contudo, como afirma Recuero (2003), o emaranhado de conexões e desconexões numa rede transforma as informações, conferindo a elas um recorte hiperpessoal e, até, distinto daquele pretendido pelo nó que o emitiu, no caso, as páginas dos veículos. Essa reflexão teórica é fundamental para a tarefa de entender o motivo (ou os motivos) pelo qual as manifestações contavam com 58% de apoio dos usuários de redes sociais digitais, enquanto, como se observou nas análises, o jornal Folha de São Paulo esforçava-se para deslegitimar os atos. Sua cobertura reproduzida em suas páginas e perfis nas redes sociais digitais, até a edição de 12 de junho, tendia a apenas ressaltar o caráter violento dos protestos e a caracterizar o Movimento Passe Livre como um grupo radical. Ou seja, ainda que essa conotação apareça com destaque entre os nós mais influentes nos diálogos naquele ambiente, isso não implicou a concordância dos demais nós com os conteúdos. Vale lembrar que, segundo Jenkins (2009), uma rede social virtual representa concretamente uma emancipação dos usuários das pautas estritamente definidas em redações de veículos de comunicação.

Desde então, até o dia 12 de junho, as menções aos atos só aumentaram, tanto no jornal, quanto nas redes. Nesse período os conteúdos veiculados pela Folha de São Paulo seguiam utilizando expressões que ligavam os atos ao vandalismo, violência, depredação e transtornos causados em função deles. Ideia que é reforçada pela escolha das imagens que ilustram as páginas da Folha. Muitas delas trazem manifestantes

atacando a polícia, exibem fogo e aparelhos públicos quebrados. A seguir (Figura 10), apresentam-se algumas das imagens veiculadas pela Folha durante esse período.

Figura 10: Fotos que ilustram a Folha de São Paulo entre os dias 7 e 12 de junho de 2013



Fonte: Folha de São Paulo

Ao mesmo tempo, as conversas nas redes sociais, como o Facebook e o Twitter destacavam a violência da repressão policial para coibir os manifestantes. Rejeitavam tal ação e apoiavam as demandas dos manifestantes. Novamente, demonstrando independência em relação às informações veiculadas em páginas naquelas redes sociais mantidas por veículos, como a Folha de São Paulo, que aparece como um dos principais disseminadores de informação, despontando como uma das mais influentes naquele ambiente, como revelou o quadro 2.

A partir do dia 14 de junho até o dia 17, seguem aumentando as referências aos protestos, contudo, surgem no jornal os primeiros conteúdos com tendência à legitimá-

los, por meio de expressões que indicam a força da democracia, apropriação do espaço público etc. Com destaque para as críticas à cobertura do próprio jornal no Espaço do Leitor e na coluna do Ombudsman, como se destacou na análise de conteúdo da Folha. Tal movimento parece responder à opinião dos internautas que ‘bombardeavam’ as redes sociais com mensagens de apoio aos protestos e críticas à atuação da Polícia Militar. Conforme se evidenciou pela pesquisa documental, mais de 65% das mensagens divulgadas em redes virtuais apoiavam os atos, e entre as palavras-chave mais utilizadas despontavam: "repressão" e "violência policial" (quadro 2).

A partir do dia 17, em atos diários espalhados pelo país, verifica-se crescente influência de grupos organizados por meio das redes sociais na Web. O volume de postagens se aproxima de 300 mil por dia e o alcance é de quase todos os usuários dessas redes virtuais. Ao mesmo tempo, as páginas de veículos de mídia tradicionais perderam importância nas discussões nesse espaço e ganharam força páginas como Anonymous Brasil e Movimento Contra a Corrupção. Esse movimento, a diminuição da influência daquelas páginas pode ser explicada atentando para o tratamento dado aos protestos, como apontado na análise da Folha, que divergiam da opinião dos usuários que acompanhavam pelas redes sociais (Quadros 1 e 2), ou mesmo daqueles que testemunhavam os atos. Esse afastamento do centro das discussões e o posicionamento editorial do jornal, podem ter implicado na rejeição aos órgãos de imprensa vistos durante os atos, quando equipes de televisão foram rechaçadas pelos participantes, é compreensível a revolta dos ativistas ao notarem que aqueles veículos tratam do mundo ao seu redor, com base em seus próprios pontos de vista, que de imparciais, como revela esta pesquisa, pouco têm.

Já na edição do dia 19 de junho, a Folha de São Paulo trazia pesquisa do instituto ligado ao Grupo Folha, Datafolha, que indicava um massivo apoio popular aos protestos: 77% dos paulistanos entrevistados aprovavam os atos naquele momento⁶⁰. A partir de então, a cobertura de Folha deu mais destaque aos protestos, com menções aos atos, seja por meio de expressões ou imagens, que tendiam à sua legitimação, conforme se pode inferir da análise.

⁶⁰ Fonte: Datafolha. Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2013/06/1297619-cresce-apoio-a-protestos-contra-a-tarifa-de-onibus-entre-paulistanos.shtml>. Acesso em 18 de abril de 2014.

No dia em que as manifestações alcançaram seu auge, 20 de junho, as conversas nas redes sociais na Web, seguiram na mesma direção, tornando o assunto o mais comentado e repercutido, foram mais de 300 mil referências (quadros 1 e 2). Nas páginas da Folha o tema ocupou a maior parte dos conteúdos jornalísticos, contudo, notou-se elevação nas críticas a falta de rumo do movimento. O jornal, em seus conteúdos, deixa transparecer certo receio sobre a possível perda de controle e confusão generalizada, conforme se destacou. O jornal também é enfático ao cobrar respostas das autoridades e, especialmente, da presidente Dilma Rousseff, também muito mencionada e criticada nas redes sociais.

Os protestos arrefeceriam com o pronunciamento presidencial, no final da noite do dia 21, momento no qual a presidente se comprometeu em ouvir as vozes das ruas e propôs pactos nacionais, totalmente ou parcialmente inspirados nas reivindicações encampadas pelos manifestantes na onda de protestos. Por fim, em perspectiva contextual – ultrapassando esta análise –, tende-se a inferir que a demora em dar uma resposta aos protestos, revela a falta de entendimento dos agentes políticos em relação as transformações sociais, condicionadas pela evolução tecnológica que se testemunhou nas últimas décadas, o que se constata na preferência deles pelos interlocutores tradicionais, como a Folha de São Paulo, que eram rejeitados pelos manifestantes e pelas conversas nas redes sociais virtuais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisas na área de comunicação que observam fenômenos da política e da sociedade, como as manifestações ocorridas no Brasil país em junho de 2013, são muito importantes. Tratam-se de estudos que permitem ampliar o entendimento sobre diversas questões de interesse coletivo: direitos civis, a legitimidade do poder, o papel da mídia na composição da esfera pública etc. Discussões teóricas como essas, na atualidade, não podem deixar de incluir as transformações técnicas que atravessaram o campo das mídias e a sociedade em sentido amplo, configurando novas sociabilidades, comportamentos e formas de articulação, dentre outras coisas. A internet e as redes sociais digitais, que cada vez com mais intensidade servem de canal alternativo para o acesso às informações (antes exclusividade de rádios, redes de televisão e jornais), mediante compartilhamento e busca, exigiu (e exige) o aprofundamento das reflexões e pesquisas sobre a importância desse novo espaço midiático para democratização do espaço de deliberação pública. E foi nessa direção que esta pesquisa foi realizada, à medida que o objetivo geral foi o de refletir sobre o papel dos veículos de comunicação de massa e das redes sociais na Internet nas Manifestações de Junho de 2013, no Brasil.

Assim, esta pesquisa foi empreendida empregando como métodos de pesquisa a análise documental e a análise de conteúdo, que permitiu que se entendesse que, ao contrário de outros movimentos de protesto contra a política institucionalizada, como as Diretas Já, cujas pesquisas, como a de Nery (2010) e Bertonecelo (2009), apontam o papel determinante de veículos de comunicação de massa para sua articulação, as Manifestações de Junho de 2013 se ampliaram e complexificaram apesar do esforço discursivo do veículo analisado, a Folha de São Paulo, para deslegitimação dos atos.

Além disso, as análises demonstram que a forma e a dimensão assumidas pela pelos protestos deveu-se especialmente à apropriação das redes sociais virtuais e da ascensão da Internet, uma vez que por meio delas é que aquelas vozes que não encontravam espaço para pronunciar-se por meio de veículos de imprensa tradicionais, como a Folha de São Paulo, encontraram seu espaço de deliberação. Exatamente como defendido por Buenos (2008, p.7): "a livre circulação de informações, desencadeada com a introdução cada vez maior da Internet no cotidiano, permite um ambiente de pluralismo de ideias em que múltiplas visões de mundo cheguem a um número ainda maior de pessoas".

A partir disso, o estudo e as análises desenvolvidas no presente trabalho, permitem que se aponte, também, indícios de uma mudança no papel dos veículos de comunicação de massa na esfera de discussão pública. Como defendido por Gomes (2005, p. 13): "o avanço dos canais digitais faz com que o sistema de mediação entre informações da esfera pública e o público, ou seja, o campo do jornalismo, perca força".

Para além de qualquer conclusão definitiva, esta pesquisa cumpre seu papel, na medida em que atingiu os objetivos propostos, bem como traça um panorama da sociedade contemporânea e das transformações do espaço midiático condicionadas pela revolução das tecnologias de informação e comunicação. Apesar de não ser possível afirmar que as Manifestações de Junho de 2013 não teriam ocorrido sem os aparatos informáticos e a hiperconectividade, há argumentos nesta pesquisa para postular que, sim, o uso da Internet e das teias de relacionamento estabelecidas em espaços virtuais, como o Facebook e o Twitter, forneceu ferramentas para que elas ocorressem, exatamente como aconteceram, tornaram-se um marco, desde aquele momento, das possibilidades que a participação e o ativismo das pessoas pode alcançar.

Findo o esforço intelectual desta pesquisa, cabe ao autor salientar as perspectivas que se abrem com o deleite que esta imersão teórica proporcionou. Observar cientificamente, utilizando a bagagem das teorias da comunicação, um período histórico recente foi extremamente desafiador. Além disso, as limitações temporais e regimentais a que esta pesquisa detém-se sugerem que o método aqui empregado poderia ser reproduzido e ampliado para permitir postulações ainda mais aprofundadas, no sentido de esclarecer a repercussão das manifestações de Junho de 2013, não apenas em um veículo de imprensa, mas nas mídias de massa como um todo, sua interface com as redes sociais na Internet, e as implicações disse para a esfera pública e a perspectiva que esse novo contexto abriria para o fortalecimento da democracia.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

AVRITZER, Leonardo; COSTA, Sergio. **Teoria Crítica, Democracia e Esfera Pública: Concepções e Usos**. In: Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 47, 2004, p. 703- 728.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BRUNS, A. **Gatewatching: Collaborative Online News Production**. New York: Peter Lang. Publishing, 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **O Egito Antigo**. São Paulo: Brasiliense, 1982

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CELLARD, A. **A análise documental**. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

DEGENNE, Alain; FORSÉ, Michel. **Introducing Social Networks**. London: Sage, 1999.

ELLIOT, Anthony; TURNER, Bryan. **On society**. Cambridge, Polity Press, 2012.

GARTON, L; HAYTHORNTHWAITE, C; WELLMAN, B. **Studying On-line Social Networks**. In: Journal of Computer-Mediated Communication. New York, 1997.

GRANOVETTER, MARK S. **The Strength of Weak Ties**. In: American Journal of Sociology, Volume 78, 1973, Chicago. p.1360-1380. Disponível em: <http://www.immorlica.com/socNet/granstrengthweakties.pdf>. Acesso em: 23 de maio de 2014.

GOMES, W. **Internet e Participação Política em Sociedades Democráticas**. Conferência proferida na sessão de aberta do V Encontro Latino de Economia Política

da Informação, Comunicação e Cultura, realizado em Salvador, Bahia, Brasil, de 9 a 11 de novembro de 2005.

HABBERMAS, Jurgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HAUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JOHNSON, Allan. **Dicionário de Sociologia**. São Paulo: Jorge Zahar, 1997.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. São Paulo: Vozes, 2008.

LE MOS, A. **Nova esfera Conversacional**. In: MARQUES, A.; COSTA, C. T.; KÜNSCH, D. et al (orgs.) *Esfera pública, redes e jornalismo*. Rio de Janeiro, E-Papers, 2009, p. 9-30.

LE MOS, A; LÉVY; P. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1998.

_____. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1999.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAIA, Rousiley Celi Moreira; GOMES, Wilson; MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida (Org.). **Internet e participação política no Brasil**. Porto Alegre: Editora Meridional; Sulina, 2011.

MARCONDES, Ciro. **Jornalismo Fin-de-Siéclo**. São Paulo: Página Aberta, 1993.

_____. Entrevista concedida a Márcia Junges In.: *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/63&secao=357>. Consultado em 30 de abril de 2014.

_____. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São

Paulo: Hacker, 2007.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SCHMIDT, Eric; COHEN, Jared. *A nova era digital*. Editora D.Quixote, 2013.

SCOTT, John. **Sociologia: Conceitos-Chave**. São Paulo: Jorge Zahar, 2012.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

STASIAK, EMR; BARRICHELLO. **Redes** In: Revista Contemporânea 9, 2007, p. 107-117.

PIO, Dirceu Martins. **O Fechamento de Jornais Impressos**. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed717_o_fechamento_de_jornais_impessos. Acesso em 23/05/2014.

PRIMO, Alex. **Interação Mediada por Computador**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PRIMO, Alex. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos%5CR1916-1.pdf>. Acesso em 22 de abril de 2014.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. São Paulo: Vozes, 1995.

ANEXO A: CORPUS DA PESQUISA

Edição	Título da Editoria/Seção/Coluna/Página	Enunciado do Conteúdo
06/06/2013	-	-
07/06/2013	Capa	Vandalismo marca ato por transporte mais barato em SP
07/06/2013	Capa	Foto principal
07/06/2013	Capa/Caderno Cotidiano/C1	Protesto contra aumento de ônibus tem confronto e vandalismo em SP
07/06/2013	Capa/Caderno Cotidiano/C1	Foto principal
07/06/2013	Capa/Caderno Cotidiano/C1	Grupo Reúne ala radical de partidos e estudantes
07/06/2013	Capa/Caderno Cotidiano/C4	Ato fecha até shopping e deixa estações depredadas
07/06/2013	Capa/Caderno Cotidiano/C4	Foto principal e duas fotos menores
08/06/2013	Capa	Manifestantes Causam Medo, param marginal e picham ônibus
08/06/2013	Capa	Foto principal
08/06/2013	Primeiro Caderno/Painel do Leitor (p.A3)	Protestos
08/06/2013	Capa/Caderno Cotidiano/C1	Novo ato contra tarifa faz até colégio fechar mais cedo
08/06/2013	Capa/Caderno Cotidiano/C1	Foto principal
08/06/2013	Caderno Cotidiano/C3	Grupo Passe Livre foi apoiado por petistas em 2011
08/06/2013	Caderno Cotidiano/C3	Haddad silencia;

		Alckmin diz que manifestação é vandalismo
08/06/2013	Caderno Cotidiano/C4	É impossível controlar a revolta, diz movimento
08/06/2013	Caderno Cotidiano/C4	Mapa
08/06/2013	Caderno Cotidiano/C4	Box: Passe Livre Movimento social defende transporte público gratuito
09/06/2013	Primeiro Caderno/Painel do Leitor/A3	Protestos
10/06/2013	Capa	Haddad apoia atuação da PM em protestos contra tarifa
10/06/2013	Capa/Caderno Cotidiano/C1	Haddad defende ação da PM para tirar protestos de vias
10/06/2013	Capa/Caderno Cotidiano/C1	Petista justifica apoio ao "Passe Livre" em 2011
10/06/2013	Caderno Cotidiano/Coluna Marcos Augusto Gonçalves/p. C2	Passe Livre
10/06/2013	Caderno Cotidiano/ p.C3	Promotor se desculpa após incitar PM a ser violenta
11/06/2013	Capa	Triste Rotina: Policial em confronto, no centro do Rio, durante protesto contra alta da tarifa de ônibus
11/06/2013	Capa	Haddad culpa preço da passagem por alta em sua

		rejeição
11/06/2013	Capa	Ônibus andarão em faixas exclusivas nas marginais
11/06/2013	Capa Caderno Cotidiano	Haddad atribui rejeição ao aumento da tarifa de ônibus
11/06/2013	Capa Caderno Cotidiano	Rio: Novo protesto contra elevação da tarifa termina em confronto
11/06/2013	Caderno Cotidiano/p.C4	Grupo do PT engrossa protesto contra tarifa
11/06/2013	Cotidiano/p.C4	Rio tem confronto de manifestantes e PM's
11/06/2013	Cotidiano (p.C4)	Box: Movimento Passe Livre
11/06/2013	Cotidiano (p.C4)	Foto
12/06/2013	Capa	Contra tarifa, manifestantes vandalizam centro e Paulista
12/06/2013	Capa	Repórter da Folha é detido pela Polícia Militar durante protesto
12/06/2013	Capa	Foto principal
12/06/2013	Capa	Foto secundária 1
12/06/2013	Capa	Foto secundária 2
12/06/2013	Capa	Depoimento: Sangrando, PM aponta sua arma, mas não dispara
12/06/2013	Capa	"Não temos controle; virou revolta", diz organizadora do ato
12/06/2013	Editoriais	Melhoras marginais

12/06/2013	Capa caderno Cotidiano	Protesto mais violento contra tarifa tem confrontos em série e vandalismos em SP
12/06/2013	Capa caderno Cotidiano	Foto principal
12/06/2013	Cotidiano (p. C3) - Análise Guerra da Tarifa	Lei impõe limites, mas não ensina a coexistir
12/06/2013	Cotidiano (p. C3)	Ato é "caso de polícia", diz Alckmin em Paris
12/06/2013	Cotidiano (p. C3)	Manifestação danifica prédios históricos
12/06/2013	Cotidiano (p. C4)	Sozinho, PM quase foi linchado na região da Sé
12/06/2013	Cotidiano (p. C4)	Foto principal
12/06/2013	Cotidiano (p. C4)	Guerra da Tarifa
12/06/2013	Cotidiano (p. C4)	Foto secundária 1
12/06/2013	Cotidiano (p. C4)	Foto secundária 2
12/06/2013	Cotidiano (p. C4)	Mapa
12/06/2013	Cotidiano (p. C4)	Faturamento
12/06/2013	Cotidiano (p. C4)	Motorista
12/06/2013	Cotidiano (p. C4)	Iphone
12/06/2013	Cotidiano (p. C4)	Presente
12/06/2013	Cotidiano (p. C4)	Box: Movimento Passe Livre
12/06/2013	Cotidiano (p. C4)	Box: Cronologia
12/06/2013	Cotidiano (p. C5)	"É revolta popular, sem controle", diz movimento
12/06/2013	Cotidiano (p. C5)	Foto principal
12/06/2013	Cotidiano (p. C5)	Imprensa: Repórter da Folha é detido em protesto
12/06/2013	Cotidiano (p. C5)	Foto secundária 1
12/06/2013	Cotidiano (p. C5)	Foto secundária 2

12/06/2013	Cotidiano (p. C5)	Foto secundária 3
12/06/2013	Cotidiano (p. C5)	Mapa
12/06/2013	Cotidiano (p. C5)	Policiais civis e grevistas da saúde também protestam na Paulista
13/06/2013	Capa	Governo de SP diz que será mais duro contra vandalismo
13/06/2013	Capa	Box: números do protesto
13/06/2013	Capa	Foto principal
13/06/2013	Capa	Antes de tudo, policial tem que ter disciplina
13/06/2013	Capa	Pessoas em protestos são da periferia e de regiões nobres
13/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/Editoriais (p.A2)	Retomar a Paulista
13/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/Tendências (p.A2)	Por que estamos nas ruas
13/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/Painel do Leitor (p.A2)	Protestos em SP
13/06/2013	Capa caderno Cotidiano	PM Promete ser mais dura contra protestos
13/06/2013	Capa Caderno Cotidiano	Infográfico: Números dos protestos
13/06/2013	Caderno Cotidiano (p.C2)	"Lincha, mata" ouviu policial apedrejado
13/06/2013	Caderno Cotidiano (p.C2)	Foto principal
13/06/2013	Caderno Cotidiano (p.C2)	Tática e armas são essenciais, mas PM

		também precisa ter disciplina
13/06/2013	Caderno Cotidiano (p.C2)	"Estou triste", diz dono de carro que atropelou três
13/06/2013	Caderno Cotidiano (p.C2)	Infográfico: Policiais e Multidões
13/06/2013	Caderno Cotidiano (p.C2)	Foto secundária
13/06/2013	Caderno Cotidiano (p.C3)	Alckmin quer cobrar prejuízos de "vândalos"
13/06/2013	Caderno Cotidiano (p.C3)	Foto principal
13/06/2013	Caderno Cotidiano (p.C4)	Tarifa zero significa abrir mão de investimentos
13/06/2013	Caderno Cotidiano (p.C4)	Movimento propõe suspender reajuste
13/06/2013	Caderno Cotidiano (p.C4)	Jornalista do Portal Aprendiz é preso em protesto
13/06/2013	Caderno Cotidiano (p.C5)	Perfil dos detidos vai de Poá a Alphaville
14/06/2013	Capa	Polícia reage com violência a protesto e SP vive noite de caos
14/06/2013	Capa	Foto principal
14/06/2013	Capa	Distúrbios começaram com ação da Tropa de Choque
14/06/2013	Capa	Foto secundária 1
14/06/2013	Capa	Jornalistas da Folha levam tiros da PM; sete são atingidos
14/06/2013	Capa	Democracia precisa aprender a conviver com

		manifestações
14/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/Hélio Schawartsman (p.A2)	Protestos em série
14/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/ Ruy Castro (p.A2)	Gritos e sussurros
14/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/Painel do Leitor (p.A2)	Protestos em SP
14/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel (p.A4)	Alarme
14/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel (p.A4)	Monitoramento
14/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel (p.A4)	É a inflação
14/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel (p.A4)	Impasse
14/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel (p.A4)	Mudou?
14/06/2013	Cotidiano/Capa/ C1	Novo protesto tem reação violenta da PM
14/06/2013	Cotidiano/Capa/ C1	Foto principal
14/06/2013	Cotidiano/ C2	Bombas e balas de borracha deixam centro e pânico
14/06/2013	Cotidiano/Capa/ C1	Foto principal 1
14/06/2013	Cotidiano/ C2	Foto principal 2
14/06/2013	Cotidiano/ C2	"Me arrancaram da mesa e deram porrada", diz jovem
14/06/2013	Cotidiano/ C2	Jornalistas são feridos por disparos de policiais militares
14/06/2013	Cotidiano/ C2	Foto secundária 1

14/06/2013	Cotidiano/ C2	Foto secundária 2
14/06/2013	Cotidiano/ C3	A PM começou batalha na Maria Antônia
14/06/2013	Cotidiano/ C3	Foto principal
14/06/2013	Cotidiano/ C4	Repressão e pânico
14/06/2013	Cotidiano/ C4	Montagem de fotos (Foto principal)
14/06/2013	Cotidiano/ C4	Mapa
14/06/2013	Cotidiano/ C4	Foto secundária 1
14/06/2013	Cotidiano/ C4	Foto secundária 2
14/06/2013	Cotidiano/ C4	Foto secundária 3
14/06/2013	Cotidiano/ C5	Haddad diz que violência da PM marcou ato
14/06/2013	Cotidiano/ C4	Foto principal
14/06/2013	Cotidiano/ C4	Foto secundária 1
14/06/2013	Cotidiano/ C4	Foto secundária 2
14/06/2013	Cotidiano/ C4	Fotógrafo diz que PM foi violento e que fez imagem para se proteger
14/06/2013	Cotidiano/ C4	Maioria da cidade é a favor dos atos, mostra Datafolha
14/06/2013	Cotidiano/ C4	Gráfico: Opinião da população sobre protestos contra aumento da tarifa
14/06/2013	Cotidiano/ C5	No Rio, ato tem flores, mas acaba com feridos
14/06/2013	Cotidiano/ C5	Foto principal
14/06/2013	Cotidiano/ C5	Mais protesto
15/06/2013	Capa	Alckmin defende PM e diz que protesto tem viés político

15/06/2013	Capa	Foto principal
15/06/2013	Capa	Não há vencedores políticos depois de batalha campal
15/06/2013	Capa	Polícia Militar só reagiu a ataque, afirma comandante
15/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/ Editoriais (p.A2)	Agentes do Caos
15/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/ Fernando Rodrigues (p.A2)	Os pobres felizes
15/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/ Painel do Leitor (p.A2)	Protestos em SP
15/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel (p.A4)	Sem meia-volta
15/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel (p.A4)	Pulso 1
15/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel (p.A4)	Pulso 2
15/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel (p.A4)	Compras
15/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel (p.A4)	Badtrip
15/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel (p.A4)	Homem...
15/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel (p.A4)	...novo?
15/06/2013	Cotidiano/Capa/C1	Confronto agora é entre tucanos e petistas
15/06/2013	Cotidiano/Capa/C1	Foto principal
15/06/2013	Cotidiano/ C2	Alckmin defende PM, e ministro de Dilma ataca violência extrema

15/06/2013	Cotidiano/ C2	Foto principal
15/06/2013	Cotidiano/ C2	Foto secundária 1
15/06/2013	Cotidiano/ C2	Foto secundária 2
15/06/2013	Cotidiano/ C2	Não há vencedor política da batalha campal das ruas de SP
15/06/2013	Cotidiano/ C2	É necessário ter preparo para não reagir, diz Haddad
15/06/2013	Cotidiano/ C2	Foto secundária 3
15/06/2013	Cotidiano/ C2	PT vai intervir para preservar sua imagem
15/06/2013	Cotidiano/ C3	Corregedoria investiga policiais envolvidos em agressão de casal
15/06/2013	Cotidiano/C3	Foto principal
15/06/2013	Cotidiano/C4	PM diz que grupo quebrou acordo de não ir à Paulista
15/06/2013	Cotidiano/C4	Foto principal
15/06/2013	Cotidiano/C4	Jornalista ferido é risco da profissão, diz polícia
15/06/2013	Cotidiano/C5	Para oficiais, Tropa de Choque demorou a agir
15/06/2013	Cotidiano/C5	Foto principal
15/06/2013	Cotidiano/C5	Após violência, manifestantes ganham apoio de instituições
16/06/2013	Capa	Estreia do Brasil tem vaia a Dilma, feridos e presos
16/06/2013	Capa	Foto principal
16/06/2013	Capa	A semana em que São Paulo ardeu

16/06/2013	Capa	Alunos da USP tentam, em vão, ir a protesto sem pagar tarifa; Polvilho, o líder dá mexericas contra tensão
16/06/2013	Capa	Polícia Militar afirma que militantes do PSOL arregimentam punks para praticar vandalismo, partido nega
16/06/2013	Capa	Confira imagens e frases dos dois últimos atos contra o aumento das tarifas
16/06/2013	Capa	Polícia insuflou as manifestações em SP e Istambul
16/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/ Eliane Cantanhêde/A2	Insatisfação
16/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/ Eliane Cantanhêde/A2	Uma lição do passado
16/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/ Painel do Leitor/A3	Protestos em SP
16/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel /A4	Alerta
16/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel/A4	Tiroteio
16/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Ombudsman/A6	Faroeste Urbano
16/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/ElioGaspari/A10	Bom Humor
16/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/ElioGaspari/A10	Passé Livre

16/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/ElioGaspari/A10	Registro
16/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/ElioGaspari/A10	Registro
16/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/A10	Protesto contra aumento de tarifa é tema do TV Folha
16/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/A10	Foto secundária 1
16/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Janio de Freitas/A13	Efeitos Imorais
16/06/2013	Primeiro Caderno/Mundo/Clóvis Rossi/A26	O fracasso da democracia
16/06/2013	Primeiro Caderno/Mundo/Clóvis Rossi/A26	O fracasso da democracia
16/06/2013	Cotidiano/Capa	Ato contra tarifa une punks a ativistas do "paz e amor"
16/06/2013	Cotidiano/Capa	Foto principal
16/06/2013	Cotidiano/C2	Polícia insuflou protestos em SP e Istambul
16/06/2013	Cotidiano/C2	Foto principal (montagem)
16/06/2013	Cotidiano/C3	Infográfico: Conheça o Movimento Passe Livre
16/06/2013	Cotidiano/C3	No MPL "não pode ter cara de playboy", diz estudante
16/06/2013	Cotidiano/C4	A caminho do confronto
16/06/2013	Cotidiano/C4	Foto principal
16/06/2013	Cotidiano/C5	Manifestantes fazem 'intercâmbio' para trocar experiências
16/06/2013	Cotidiano/C6	Serviço Secreto da PM

		diz que PSOL "recruta" punks para protestos
16/06/2013	Cotidiano/C6	Foto principal
16/06/2013	Cotidiano/C7	"Avaliação é totalmente equivocada", diz deputado
17/06/2013	Capa	Governo de SP pede e terá reunião com manifestantes hoje
17/06/2013	Capa	São Paulo deve se preparar hoje para um evento de grandes proporções
17/06/2013	Capa	Foto principal
17/06/2013	Capa	Paulistano trabalha 14 minutos para pagar tarifa, 4 vezes mais que em Pequim
17/06/2013	Capa	Preocupação dos manifestantes é manter distância de partidos políticos
17/06/2013	Capa	Dilma cortou discurso após receber vaias de manifestantes
17/06/2013	Capa	Ministro fez uso eleitoral de atos em SP, diz líder tucano
17/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/ Painel do Leitor/A3	Protestos
17/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/A5	Cardozo foi "oportunista", acusa senador

17/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/A5	Hackers criticam presidente em ataques a páginas públicas
17/06/2013	Cotidiano/Capa	Estado negocia com líderes de protesto; metrô cerca estação
17/06/2013	Cotidiano/Marcos Augusto Gonçalves/C2	Viva a vaia
17/06/2013	Cotidiano/ C3	Movimento diz que não negociará percurso
17/06/2013	Cotidiano/ C3	A tarifa de ônibus por aqui está entre as mais caras do mundo
17/06/2013	Cotidiano/ C3	Gays, trabalhadores e até mães de manifestantes aderem ao protesto
17/06/2013	Cotidiano/ C3	"Não letais", balas de borracha podem matar
17/06/2013	Cotidiano/ C4	Polícia criou "metamanifestação" com violência
17/06/2013	Cotidiano/ C4	Grupos organizam protestos em ao menos 44 cidades do país
17/06/2013	Cotidiano/ C4	Mapa: Protestos pelo país
17/06/2013	Cotidiano/ C4	Brasileiros no exterior fazem atos em apoio a manifestantes
17/06/2013	Cotidiano/ C4	Foto secundária 1
17/06/2013	Cotidiano/ C4	Foto secundária 2
17/06/2013	Cotidiano/ C4	Foto secundária 3
17/06/2013	Ilustrada/ Capa	Violência no ar
17/06/2013	Ilustrada/ Capa	Sensacionalismo tem

		hoje a sua maior concorrência na web
17/06/2013	Ilustrada/ Capa	Datena e Rezende atingem cerca de 900 mil famílias
18/06/2013	Capa	Milhares vão às ruas "contra tudo"; grupo atingem palácios
18/06/2013	Capa	Foto principal
18/06/2013	Capa	Foto secundária 1
18/06/2013	Capa	Foto secundária 2
18/06/2013	Capa	Foto secundária 3
18/06/2013	Capa	Desfecho do movimento é imprevisível
18/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/Editoriais/A2	Protestos e vaias
18/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/Hélio Schwartsman/A2	Virtudes e limites
18/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/A2	Charge
18/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/Vladimir Safatle/A2	Proposta concreta
18/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/Eliane Cantanhêde/A2	No alvo, os palácios
18/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/Painel do Leitor/A3	Protestos
18/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/Painel do Leitor/A3	Política
18/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel/A4	Cada um por si

18/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel/A4	Vacina 1
18/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel/A4	Vacina 2
18/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel/A4	Da poltrona
18/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel/A4	Sonháticos
18/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel/A4	Práticos
18/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel/A4	Tiroteio
18/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/ A4	Fracassa tentativa de acordo entre policiais e procuradores
18/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/ Janio de Freitas/A6	Ideia Terrorista
18/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/A8	Governistas minimizam vaias a Dilma
18/06/2013	Cotidiano/Capa	Contra
18/06/2013	Cotidiano/Capa	Foto Principal
18/06/2013	Cotidiano/Capa	Foto secundária 1
18/06/2013	Cotidiano/Capa	Foto secundária 2
18/06/2013	Cotidiano/Capa	Foto secundária 3
18/06/2013	Cotidiano/Capa	Foto secundária 4
18/06/2013	Cotidiano/C2	Atos atingem 12 capitais e têm cenas de violência
18/06/2013	Cotidiano/C2	Foto principal
18/06/2013	Cotidiano/C2	Mapa: Protestos pelo país
18/06/2013	Cotidiano/C2	Rio tem carros incendiados e depredação
18/06/2013	Cotidiano/C2	Foto secundária 1
18/06/2013	Cotidiano/C2	Foto secundária 2

18/06/2013	Cotidiano/C3	Teto do Congresso é ocupado; grupo tenta invadir sede do governo de SP
18/06/2013	Cotidiano/C3	Foto principal
18/06/2013	Cotidiano/C3	Foto secundária 1
18/06/2013	Cotidiano/C3	Foto secundária 2
18/06/2013	Cotidiano/C3	Foto secundária 3
18/06/2013	Cotidiano/C3	Movimento está divorciado dos políticos tradicionais
18/06/2013	Cotidiano/C3	Diretor da Câmara é agredido em Brasília
18/06/2013	Cotidiano/C4	Ao menos 65 mil protestam nas ruas de São Paulo
18/06/2013	Cotidiano/C4	Foto principal
18/06/2013	Cotidiano/C4	Infográfico: órbita dos protestos
18/06/2013	Cotidiano/C4	Gráfico: Os manifestantes segundo o Datafolha
18/06/2013	Cotidiano/C4	Infográfico: Cronologia das manifestações
18/06/2013	Cotidiano/C5	Lojas fecham mais cedo e comerciantes criticam passeata
18/06/2013	Cotidiano/C5	Foto principal
18/06/2013	Cotidiano/C6	Políticos agora apoiam manifestações
18/06/2013	Cotidiano/C6	Foto principal
18/06/2013	Cotidiano/C7	Atônitos, governos não conseguem entender atos

18/06/2013	Cotidiano/C6	Foto principal
18/06/2013	Cotidiano/C8	Tarifa zero exigiria dobrar arrecadação do IPTU
18/06/2013	Cotidiano/C8	Foto principal
18/06/2013	Cotidiano/C8	Defensoria pede indenização por detenções ilegais
18/06/2013	Cotidiano/C8	Em São Paulo, manifestantes sem rumo vão parar na frente da Rede Globo
18/06/2013	Cotidiano/C9	Por que fui?
18/06/2013	Cotidiano/C9	Foto principal: montagem
18/06/2013	Cotidiano/C9	Foto secundária 1
18/06/2013	Cotidiano/C9	Foto secundária 3
18/06/2013	Cotidiano/C9	Foto secundária 4
18/06/2013	Cotidiano/C9	Foto secundária 5
18/06/2013	Cotidiano/C11/Jairo Marques	Pula a fogueira, Iaiá
19/06/2013	Capa	Ato em SP tem ataque à prefeitura, saque e vandalismo; PM tarde a agir
19/06/2013	Capa	Foto principal
19/06/2013	Capa	Gráfico: Prestígio das Instituição
19/06/2013	Capa	Foto secundária 1
19/06/2013	Capa	Foto secundária 2
19/06/2013	Capa	Descença do paulistano na política cresce, diz Datafolha
19/06/2013	Capa	Foto secundária 3

19/06/2013	Capa	"Estão entrando", dizia assessora de Haddad no ataque
19/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/Editoriais/A2	Incógnita nas ruas
19/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/A2	Charge
19/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/Hélio Schwartsman/A2	Entre a sabedoria e a loucura
19/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/Fernando Rodrigues/A2	O rumo dos indignados
19/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/Cristina Grillo/A2	8 ou 80
19/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/Painel do Leitor/A3	Protestos pelo Brasil
19/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel/A4	Uma mão...
19/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel/A4	...lava a outra
19/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel/A4	Quem pisca?
19/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel/A4	Quem cuida?
19/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel/A4	Guerra fria 1
19/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/ A4	Congresso adia projeto que tira o poder de procuradores
19/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/ A4	Foto principal
19/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/ A4	As omissões do Ministério Público

		fragilizaram o órgão
19/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/ ElioGaspari/A8	O monstro foi para a rua
19/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/ ElioGaspari/A8	Comissão presidida por Feliciano ignora protesto e aprova "cura gay"
19/06/2013	Cotidiano/ Capa	Ataque à prefeitura e saques a lojas marcam novo protesto em São Paulo
19/06/2013	Cotidiano/ Capa	Foto Principal
19/06/2013	Cotidiano/ Capa	Foto secundária 1
19/06/2013	Cotidiano/ Capa	Foto secundária 2
19/06/2013	Cotidiano/ C2	Ato tem violência, saque e depredação; PM demora a agir
19/06/2013	Cotidiano/ C2	Foto principal
19/06/2013	Cotidiano/ C2	Foto secundária 1
19/06/2013	Cotidiano/ C2	Muitos buscavam TVs e roupas; outros só pretendiam destruir
19/06/2013	Cotidiano/ C2	Mapa: Guerra e paz
19/06/2013	Cotidiano/ C3	"Estão entrando", diz servidora durante tentativa de invasão
19/06/2013	Cotidiano/ C3	Foto Principal
19/06/2013	Cotidiano/ C3	Carro da Record é incendiado por manifestantes
19/06/2013	Cotidiano/ C3	Grupo condena violência e fala em "revolta popular"
19/06/2013	Cotidiano/ C4	Demora foi para evitar

		confronto, diz PM
19/06/2013	Cotidiano/ C4	Foto principal
19/06/2013	Cotidiano/ C4	Diretas-Já: Folha refaz imagem da Sé em 1984
19/06/2013	Cotidiano/ C4	Foto secundária 1
19/06/2013	Cotidiano/ C6	Haddad agora admite rever tarifa de ônibus
19/06/2013	Cotidiano/ C6	Foto Principal
19/06/2013	Cotidiano/ C6	Cinco cidades baixam passagem após protestos
19/06/2013	Cotidiano/ C6	Brasília
19/06/2013	Cotidiano/ C6	ONU de olho
19/06/2013	Cotidiano/ C6	Prefeito sitiado
19/06/2013	Cotidiano/ C6	Baixada Santista
19/06/2013	Cotidiano/ C6	Pelo Mundo
19/06/2013	Cotidiano/ C6	Anonymous
19/06/2013	Cotidiano/ C7	Dilma diz que atos são recados a governantes
19/06/2013	Cotidiano/ C7	Foto Principal (montagem)
19/06/2013	Cotidiano/ C8	Descrença nos 3 Poderes subiu em 10 anos
19/06/2013	Cotidiano/ C9	Datafolha em São Paulo: Pesquisa mostra grau de interesse da população sobre manifestações
19/06/2013	Cotidiano/ C9	Foto Principal
19/06/2013	Cotidiano/ C9	Mapa: mais protestos
19/06/2013	Cotidiano/ C10	Assembleia do Rio tem prejuízo de R\$2mi
19/06/2013	Cotidiano/ Antonio Prata/C11	A passeata
19/06/2013	Ilustrada/Mônica Bergamo/E2	Chama o Lula
19/06/2013	Ilustrada/Mônica Bergamo/E2	Nada a ver

19/06/2013	Ilustrada/Mônica Bergamo/E2	Nada a ver 2
19/06/2013	Ilustrada/Outro Canal/E8	"Amor à Vida" pode retratar manifestações
19/06/2013	Ilustrada/ Outro Canal /E8	Jornalismo
19/06/2013	Ilustrada/ Outro Canal /E8	Jornalismo 2
19/06/2013	Ilustrada/ Outro Canal /E8	Pique
19/06/2013	Ilustrada/ Outro Canal /E8	Pique 2
20/06/2013	Capa	PROTESTOS DE RUA DERRUBAM TARIFAS
20/06/2013	Capa	Foto Principal
20/06/2013	Capa	Populismo tarifário se perpetua e cria demandas sociais
20/06/2013	Capa	PT, PSDB e PMDB perdem 1ª batalha, mas guerra continua
20/06/2013	Capa	Com recuo, risco é ato de vandalismo virar método de negociação
20/06/2013	Capa	Pierre, 20, aluno de arquitetura atacou prefeitura
20/06/2013	Capa	Movimento Passe Livre agora quer transporte gratuito
20/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/Editoriais /A2	Vitória das ruas
20/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/Editoriais/A2	Projeto Incurável
20/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/Rogério Gentile/A2	Depredação livre
20/06/2013	Primeiro	Degrau por degrau

	Caderno/Opinião/Eliane Cantanhêde/A2	
20/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/Keneth Maxwell/A2	Blatter e a Revolta Popular
20/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/Tendências/A3	Fim da letargia
20/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/Painel do Leitor/A3	Protestos pelo Brasil
20/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel/A4	Efeitos Colaterais
20/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel/A4	Sozinho
20/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel/A4	Vem cá
20/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel/A4	Como assim?
20/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel/A4	Não rolou
20/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel/A4	Gol?
20/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/ A4	Aliados criticam governo e pedem reforma ministerial
20/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/ A4	Pesquisa Ibope também aponta queda na avaliação de Dilma
20/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/ A6	Governo quer mediar acordo entre polícia e Ministério Público
20/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/ A8	Em defesa da "cura gay", Feliciano ameaça retaliar

		Dilma em 2014
20/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/ A8	Projeto polêmico foi aprovado à sombra dos atos de protesto
20/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/ A8	Ministro da Saúde afirma que texto aprovado "não é correto"
20/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Janio de Freitas/ A10	Outra Mobilização
20/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/A11	Deputados visitam a Rússia em meio à crise
20/06/2013	Cotidiano/Capa	CAI A TARIFA, QUEM VAI PAGAR?
20/06/2013	Cotidiano/Capa	Foto Principal
20/06/2013	Cotidiano/C2	Milhares nas ruas obrigam Alckmin e Haddad a recuar
20/06/2013	Cotidiano/C2	Mapa: Balanço das manifestações pelo Brasil
20/06/2013	Cotidiano/C4	Sem ajuda Federal, Haddad recua e sofre derrota política
20/06/2013	Cotidiano/C4	Foto principal
20/06/2013	Cotidiano/C4	Recuo terá de ser pensado mais cedo ou mais tarde
20/06/2013	Cotidiano/C4	Governantes apelaram para arma tradicional: populismo
20/06/2013	Cotidiano/C5	Grupo mantém ato hoje na Paulista e diz luta por tarifa zero
20/06/2013	Cotidiano/C5	Foto principal

20/06/2013	Cotidiano/C5	Manifestações refletem crises de representação e representatividade
20/06/2013	Cotidiano/C5	Mapa: Protestos pelo Brasil hoje
20/06/2013	Cotidiano/C6	Infográfico: Contra o que você protesta?
20/06/2013	Cotidiano/C7	Infográfico: Contra o que você protesta?
20/06/2013	Cotidiano/C8	Protesto em jogo do Brasil tem 18 feridos
20/06/2013	Cotidiano/C8	Pelo mundo: jornais repercutem atos no país
20/06/2013	Cotidiano/C8	Atos bloqueiam cinco estradas paulistas, e trânsito chega a 10km
20/06/2013	Cotidiano/C8	Periferia de SP quer melhorias na saúde, transporte e moradia
20/06/2013	Cotidiano/C10	14 presos por saques e depredação
20/06/2013	Cotidiano/C11	Saqueadores trocam tênis velho por novo e esvaziam joalheria
20/06/2013	Cotidiano/C11	Policiais viram ação de vândalos sem reagir
20/06/2013	Cotidiano/C12	Jovem que prefeitura pede desculpas
20/06/2013	Cotidiano/C12	Foto Principal
20/06/2013	Cotidiano/C12	NINJA TV busca novos meios de cobrir protestos
20/06/2013	Cotidiano/C13	Protesto na CET deixa vias sem faixas reversível

20/06/2013	Cotidiano/C13	Foto Principal
20/06/2013	Cotidiano/Pasquale Cipro Neto/C14	"Bom Cabrito é o que mais berra"
20/06/2013	Esporte/Capa	Exceção: em meio a protestos "contra tudo", Brasil bate México com apoio da torcida e show de Neymar
20/06/2013	Esporte/D2	Torcedor faz protesto no estádio, e FIFA ignora sua "lei"
20/06/2013	Esporte/D2	Foto destaque (montagem)
20/06/2013	Esporte/D2	Pelé apoia manifestações, mas não vaias à seleção
20/06/2013	Esporte/D3	Regra: após declarar apoio a manifestações, Neymar leva seleção à vitória sobre o México e à classificação
20/06/2013	Esporte/D5	Protestos fazem governo mudar segurança nas sedes
20/06/2013	Esporte/D5	Com receio, Fifa muda horário de funcionários
20/06/2013	Esporte/D7	Fortaleza, mas nem tanto
20/06/2013	Ilustrada/Mônica Bergamo/E2	Comum acordo
20/06/2013	Ilustrada/Mônica Bergamo/E2	Teoria
20/06/2013	Ilustrada/Mônica Bergamo/E2	Ao redor
20/06/2013	Ilustrada/Mônica Bergamo/E2	É pique!
20/06/2013	Ilustrada/Mônica Bergamo/E2	Bloco do...
20/06/2013	Ilustrada/Mônica Bergamo/E2	...Eu sozinho
20/06/2013	Ilustrada/Mônica Bergamo/E2	Eles caíram na rede

20/06/2013	Ilustrada/José Simão/E7	Ueba! Padrão Fifa ou Padrão Fifa?
20/06/2013	Ilustrada/ContardoCalligaris/E8	Sonhos de calor humano
21/06/2013	Capa	Protestos violentos se espalham pelo país e Dilma chama reunião
21/06/2013	Capa	Foto Principal
21/06/2013	Capa	As ruas do Brasil estão em chamas; a coisa desandou
21/06/2013	Capa	Multidão grita "fora partidos" e petistas deixam Av. Paulista
21/06/2013	Capa	Silêncio do Planalto sintetiza falta de liderança de políticos
21/06/2013	Capa	Foto secundária 1
21/06/2013	Capa	Foto secundária 2
21/06/2013	Capa	Manifestante morre durante ato em Ribeirão Preto
21/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/Hélio Schwartzman/A2	Tarifa zero, um delírio?
21/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/Marina Silva/A2	Aprendizado essencial
21/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/Eliane Cantanhêde/A2	No colo de Dilma
21/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/Tendências/A3	A revolta da catraca
21/06/2013	Primeiro Caderno/Opinião/Painel do	Protestos pelo Brasil

	Leitor/A3	
21/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel/A4	Bola cantada
21/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel/A4	Liquidação
21/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/Painel/A4	Ressaca
21/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/A6	Na televisão, Alckmin exalta investimento em transporte
21/06/2013	Primeiro Caderno/Poder/A10	Ativista ironiza projeto que oferece "cura gay" e diz que vai se aposentar
21/06/2013	Primeiro Caderno/Mundo/A18	Os protestos: seis surpresas
21/06/2013	Cotidiano/Capa	Violência se espalha pelo país
21/06/2013	Cotidiano/Capa	Foto Principal
21/06/2013	Cotidiano/Capa	Foto secundária 1
21/06/2013	Cotidiano/C2	Ministérios são alvo de vandalismo em Brasília
21/06/2013	Cotidiano/C2	Ministérios são alvo de vandalismo em Brasília
21/06/2013	Cotidiano/C2	Foto principal (montagem)
21/06/2013	Cotidiano/C2	Exército reforça efetivo para proteger autoridades
21/06/2013	Cotidiano/C3	Dilma cancela viagem ao Japão e marca reunião emergencial
21/06/2013	Cotidiano/C3	Foto principal (montagem)
21/06/2013	Cotidiano/C3	Silêncio da presidente

		resume ausência de ação dos políticos
21/06/2013	Cotidiano/C4	No Rio, centro vira campo de batalha
21/06/2013	Cotidiano/C4	Protestos ferem repórter; TVs tem carros incendiados
21/06/2013	Cotidiano/C4	Foto Principal
21/06/2013	Cotidiano/C4	Globo abandona grade do horário nobre para transmitir "manifestação tranquila" país afora
21/06/2013	Cotidiano/C5	Hostilizados, petistas abandonam ato pós-redução de tarifa em SP
21/06/2013	Cotidiano/C5	Foto principal
21/06/2013	Cotidiano/C5	Governador do PT critica adesão da sigla
21/06/2013	Cotidiano/C5	"It'srevolution, baby", anunciam cartazes na Avenida Paulista
21/06/2013	Cotidiano/C6	Ribeirão Preto tem 1ª morte dos protestos
21/06/2013	Cotidiano/C6	Foto principal
21/06/2013	Cotidiano/C6	Sem muro
21/06/2013	Cotidiano/C6	Aqui tem...
21/06/2013	Cotidiano/C6	...e tem também
21/06/2013	Cotidiano/C6	Risos
21/06/2013	Cotidiano/C6	Hulk
21/06/2013	Cotidiano/C6	'Reunião'
21/06/2013	Cotidiano/C6	Prefeitura de Campinas é atacada com bombas
21/06/2013	Cotidiano/C7	Mapa: Protestos de Norte

		a Sul
21/06/2013	Cotidiano/C8	Passage Livre prega "expropriação" do transporte coletivo
21/06/2013	Cotidiano/C8	Foto Principal
21/06/2013	Cotidiano/C9	Promotora quer abrir dados sobre tarifas em SP
21/06/2013	Cotidiano/C9	Foto Principal (montagem)
21/06/2013	Cotidiano/C10	Governo quer bancar tarifa com verba de obras paradas
21/06/2013	Cotidiano/C10	Transporte e Copa devem motivar novos protestos
21/06/2013	Cotidiano/Barbara Garcia/C10	Imagina na Copa
21/06/2013	Esportes/ D2	Protestos nas ruas apavoram dirigentes da Fifa e de seleções
21/06/2013	Ilustrada/Mônica Bergamo/E2	Aguenta Firme
21/06/2013	Ilustrada/Mônica Bergamo/E2	Pressão
21/06/2013	Ilustrada/Mônica Bergamo/E2	Sobrou
21/06/2013	Ilustrada/Mônica Bergamo/E2	Meu Deus!
21/06/2013	Ilustrada/Mônica Bergamo/E2	Dramática
21/06/2013	Ilustrada/José Simão/E11	Viva o vinagre! Abaixo a Pedra!
21/06/2013	Ilustrada/Michel Lub/E11	Ironia e protestos